



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PSICOLOGIA

**VEJA O QUE SE DIZ, DIGA O QUE SE VÊ:
A LOUCURA NA REVISTA VEJA**

Francine Delavald Bottoni

Lajeado, novembro de 2013

Francine Delavald Bottoni

**VEJA O QUE SE DIZ, DIGA O QUE SE VÊ:
A LOUCURA NA REVISTA VEJA**

Monografia realizada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Psicologia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Suzana Feldens Schwertner

Lajeado, novembro de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, por apoiarem as minhas loucuras.
Um exemplo: o trabalho que se desenhará nas páginas seguintes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à Univates, pelos tantos anos de Biblioteca e pelos tantos percentuais de desconto na mensalidade;

À Suzi, minha querida orientadora, que com seu jeito “a mil” tornou a minha vontade de lançar-me à construção da presente Monografia mil vezes mais potente;

À Lia, minha mãe, por todas as roupas passadas, por todos os almoços “já na mesa” e por proporcionar a mim, a partir desses pequenos e tão importantes detalhes, tempo para estudar;

Ao Auri, meu pai, por todas as esperas até perto das 23h e pela certeza de que sempre estarias lá. Pela calma, que muitas vezes acalmava meus anseios;

À Bárbara, minha irmã, pelas palavras duras e sensatas e por me mostrar que existem coisas mais importantes do que um Trabalho de Conclusão de Curso;

À Natália, minha irmã caçula, por ser tão diferente de mim que até se torna parecida. Nossas diferenças me fizeram crescer e repensar muitas ideias! Obrigada!;

Ao Alexandre, meu namorado, por desassossegar a minha vida e por me mostrar que a vida pode ser encarada de modo mais leve e louco, sem que nos percamos de nós mesmos. Ao contrário;

À Guilhermina, minha “vó”, por todos os cuidados e preocupações despendidos a mim. Por me dizer para “deixar o livro um pouco de lado”;

À Camila e às Fernanda’s, por todas as trocas ao longo do curso de Psicologia, por todas as risadas, por todas as fofocas, por todas as indignações, por todas as construções que fizemos juntas;

À Bruna, à Luciele, à Gabriele e à Paula, pela amizade de tantos anos – que já perdi as contas – e pelo exemplo vivo de que o sentimento sobrevive, ainda que à distância e em constante mutação;

À Jaqueline, pela acolhida nos momentos de ansiedade, dúvida e receio. Pelas palavras que transformaram pedra em poesia. Obrigada!;

Ao curso de Psicologia da Univates e a todos os docentes e discentes que passaram por mim ao longo da graduação. Foram esses encontros que suscitaram o desejo pela escrita sobre a loucura. Agradeço de coração!;

À galera da Biblioteca, que mudou bastante de configuração ao longo dos anos, possibilitando que eu mudasse junto. Obrigada a todos pelo convívio, apoio, distração. Em especial, à Fabíola, pelo auxílio na guarda de livros e atendimento aos usuários, permitindo que a escrita do trabalho a seguir fluísse sem tantas interrupções. Contigo aprendi que o trabalho em equipe é sensibilidade também.



*"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite (...)
Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?" (...)"*

Olavo Bilac

RESUMO

A pesquisa mapeou e problematizou os discursos que circulam em relação à loucura, no contemporâneo, a partir da Revista Veja. Para tanto, todas as revistas Veja do mês de maio dos últimos cinco anos (2009, 2010, 2011, 2012 e 2013) que possuem os descritores “loucura”, “louco” ou “louca” foram utilizadas e pesquisadas a partir do Acervo Digital do periódico em questão. Averiguou-se, também, a existência de referências à Reforma Psiquiátrica brasileira na Veja. A Análise de Discurso foucaultiana serviu de ferramenta ao trabalho de análise realizado a partir das reportagens. Análise que obteve, em linhas gerais, a loucura associada à negação, ao exagero, à periculosidade e ao fanatismo. Por fim, a pesquisa concedeu maior visibilidade aos discursos que circulam em relação à loucura, levantando questionamentos sobre até que ponto as discussões referentes à Reforma Psiquiátrica ficam restritas a determinados espaços, tais como a saúde. O trabalho finaliza ponderando sobre o papel político da Psicologia e dos psicólogos que ainda pouco discutem e problematizam sobre os efeitos de seu trabalho nos materiais discursivos midiáticos, por exemplo.

Palavras-chave: Loucura. Análise de Discurso. Revista Veja. Reforma Psiquiátrica.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro a partir dos respingos da primeira reportagem.....	44
Quadro 2 - Quadro a partir dos respingos da segunda reportagem.....	45
Quadro 3 - Quadro a partir dos respingos da terceira reportagem.....	45
Quadro 4 - Quadro a partir dos respingos da quarta reportagem.....	46
Quadro 5 - Quadro a partir dos respingos da quinta reportagem.....	46
Quadro 6 - Quadro a partir dos respingos da sexta reportagem.....	47
Quadro 7 - Quadro a partir dos respingos da sétima reportagem.....	47
Quadro 8 - Quadro a partir dos respingos da oitava reportagem.....	48
Quadro 9 - Quadro a partir dos respingos da nona reportagem.....	48
Quadro 10 - Quadro a partir dos respingos da décima reportagem.....	49
Quadro 11 - Quadro a partir dos respingos da décima primeira reportagem.....	49
Quadro 12 - Quadro a partir dos respingos da décima segunda reportagem.....	50
Quadro 13 - Quadro a partir dos respingos da décima terceira reportagem.....	50
Quadro 14 - Quadro a partir dos respingos da décima quarta reportagem.....	51
Quadro 15 - Quadro a partir dos respingos da décima quinta reportagem.....	51

SUMÁRIO

1 GIROS INICIAIS.....	10
2 INS(PIRAÇÕES) TEÓRICAS.....	17
2.1 Da (in)diferença à lou(cura).....	17
2.2 A Re(forma) Psiquiátrica brasileira: outras formas de compreensão da loucura.....	26
2.3 A mí(dia): ins(pirações), (inspira)ções, inspir(ações).....	31
3 OUTROS GIROS.....	34
3.1 Justificativa.....	35
3.2 Tema do Projeto.....	35
3.3 Problema.....	35
3.4 Objetivos.....	35
3.4.1 Objetivo Geral.....	35
3.4.2 Objetivos Específicos.....	35
4 METODOLOGIA.....	37
4.1 A loucura nas Revistas Veja: o que Vejo?.....	37
4.2 Composto uma Metodologia.....	41
4.3 Girando com Michel Foucault.....	42
5 QUADROS DE ANÁLISE: SETAS ROTATÓRIAS E RESPINGOS DE TINTA.....	46
6 E A ANÁLISE... FAZ O CATAVENTO CAMALEÃO! COLORE-SE, EMBALADO PELOS RESPINGOS DE TINTA.....	55
6.1 “Desfazer o normal, há de ser uma norma”.....	56
6.2 “Me deram um nome e me alienaram de mim”.....	60
6.3 PATHOS: paixão – saúde ou doença?.....	62
6.4 “Será que a polícia me pega? Me pega porque existo?”.....	63
6.5 Análise da Análise.....	65
6.6 A análise que acontece, mesmo sem existir.....	66
7 INS(PIRAÇÕES) FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	78

ANEXO A – Capas das revistas que foram utilizadas na pesquisa.....	79
ANEXO B – Recortes das reportagens utilizadas.....	84



1 GIROS INICIAIS

Como um catavento. Girando, girando... No embalo do vento. Mistura de cores, de sensações, de sopros. Se há parada, logo o movimento recomeça. Diferente. É movimento, ventania, processo em vias de se fazer: a Monografia do Curso de Psicologia. Processo girando. Estou tonta. Tontura que me leva a parar. E ver: a tontura é confusão. A tontura é repensar. A tontura é criação. A tontura é loucura? É ventania? É varredura? É “doido de varrer”? É giro sem fim.

O presente ensaio é uma construção que ultrapassa o tempo de elaboração da sua escrita. Ultrapassa qualquer giro. É tontura. Remete a modificações e inquietações que o curso de Psicologia foi produzindo em mim, enquanto estudante, acerca do tema da loucura. Assim, com a intenção de analisar um material discursivo, iniciei o semestre e o processo de construção do presente trabalho.

Trabalho produzido em sopros. Trabalho que, depois de giros e ventanias, me levou à opção da Revista Veja como material discursivo a ser pesquisado, bem como a impulsionar movimentos. Nesse sentido sem sentido, a pesquisa delineou-se no embalo da Veja, mas também de leituras e estudiosos que fui me aproximando ao longo do ano. A pesquisa tracejou-se, inclusive, no embalo que concedi às leituras, às articulações, às reportagens utilizadas. A pesquisa, ou a construção dela, não termina nessas linhas vermelhas, azuis, verdes, pretas, amarelas, laranjas e de tantas outras cores. É catavento. Gira pra outro lado. E pra outro, no embalo do “Vento, ventania [...] me deixe cavalgar nos seus desatinos. Nas revoadas, redemoinhos”¹ (texto digital).

¹ BIQUINI CAVADÃO. **Vento Ventania**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/biquini-cavadao/vento-ventania.html>> Acesso em: 16 set.2013

A ideia da presente Monografia foi cavalgar nos desatinos do vento, como o som acima embala. A ideia foi cavalgar na loucura, a partir do catavento. A partir desse desenho inconstante, que se move com o vento. A ideia foi deixar-se levar pelo vento durante a escrita, mas também pela loucura. Loucura que não é uma! Respinga, borra. A ideia foi, aliás, deixar voar as tranças e tudo que seja passível de movimento. A ideia foi afastar-se da busca de uma origem, questionando a música da banda Biquíni Cavadão, especialmente o recorte a seguir: “Vento, ventania, me leve para onde nasce a chuva. Pra lá de onde o vento faz a curva”. Talvez, a pesquisa que será “cataventada” nos embalos que irão se desenhar esteja na curva. Não faz a curva, no sentido de seguir em frente, e sim cria a curva, possibilitando que outros rumos sejam inventados. Outras experimentações sejam propiciadas, o que se assemelha à ideia de Guimarães Rosa: “O vento experimenta o que irá fazer com sua liberdade” (MONTEIRO, 2010, p.7). O que se irá fazer com a loucura? Com a Revista Veja? Com...?

Como periódico de publicação semanal, a revista mencionada foi escolhida devido à expressiva circulação no Brasil no que se refere a diversos assuntos e ao modo como os mesmos são vistos por um determinado grupo da sociedade. A pesquisa aproxima-se de um mapeamento do que circula no social no contemporâneo, por isso, a escolha de uma revista que não seja científica ou específica da Psicologia. Importante assinalar, também, que a escolha está atrelada à ideia de pensar como discussões sobre loucura circulam e se fazem presentes em outros espaços.

Além disso, a Revista Veja, embora empregue saberes de especialistas para abordar os temas, apresenta reportagens escritas por diversos jornalistas, o que pode ser pensado como um movimento que implica explanar os discursos que circulam no social, no contemporâneo.

É difícil colocar em palavras um processo que parece introjetado em mim. Tenho a impressão de que as construções que fui fazendo passaram pelo meu corpo, levando-me a experimentar a desestabilização e a desconstrução ao invés de a certeza do que estava me tomando. Deixei de lado, por ora, a razão, e fui envolvida por uma curiosidade de saber mais sobre a loucura. Tal tema me instiga, porque ele é incerto. E o que não é incerto? Tal tema me instiga, porque em sua incerteza ele me faz repensar várias certezas. Ao mesmo tempo, porém, incerto não enquanto o que não é certo e sim enquanto o que é possível que seja questionado e questionado e questionado. Se nos voltarmos à própria história da loucura, é possível visualizarmos as várias facetas que a

loucura já possuiu. Assim, como relacionar a “certezas” um assunto que se transforma o tempo todo?

Transformações. O tema “loucura” exige, aliás, que eu saia da terra firme. Já dizia Foucault (2010a, p.205) que “a razão pertenceu por muito tempo à terra firme”. Como trabalhar com a loucura e prender-se à razão?

Por falar em Michel Foucault, tal autor foi escolhido para ser um dos ventos que guiará as “pás” do catavento. Assim, a Análise de Discurso serviu de metodologia para a pesquisa que se produziu – e que não cessa de se produzir. Além disso, os estudos do teórico mencionado, bem como suas problematizações acerca da loucura, do sujeito, do social, entre outros, serviram de oxigênio ao presente escrito. Se respirei?

Saí da terra firme. Fui até o mar. Fui à procura da ilha desconhecida,

[...] já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida. (SARAMAGO, 2012, p.17)

Se foi possível navegar? Se foi possível navegar em mares turbulentos? Saramago (2012, p.26) revirou muitas das minhas angústias: “Sabes navegar, tens carta de navegação, ao que o homem respondeu, Aprenderei no mar”. Aprendi a navegar, também, no decorrer do caminho? Entre mergulhos, navegações, incertezas e ilhas desconhecidas, irei me focar, por instantes, em mim. Em mim em relação à loucura. Não porque eu já me conheço, e sim para eu me desconhecer. Provavelmente, falando de mim já estarei dando partida à navegação, à ilha desconhecida, à Monografia.

A loucura me faz perder a razão. Ao mesmo tempo, todavia, se não houvesse a razão, a loucura existiria? Ela existe? Como? A loucura me desorienta. A loucura me faz não saber o que pensar, pois será que ela pensa? A loucura me conduz a outra Francine. Profissional que deseja contatar com outro lado de si e do mundo para também ampliar seu olhar sobre as pessoas e o mundo. Ao falar em loucura, em Francine profissional e em ampliação do olhar em relação às pessoas e ao mundo, é possível articular o desafio que Calligaris (2008) propõe ao leitor que auspícia seguir a profissão de terapeuta:

[...] bata um papo com dois ou três moradores de rua, aproxime-se, deixe-os falar o que, em geral, ninguém escuta (...) Se você conseguir escutar, digamos, uma hora, sem que o discurso (quase sempre desconexo) abale sua atenção, e se não recuou instintivamente quando eles passaram uma mão

encardida na sua camisa ou direto no seu braço, passou no teste (CALLIGARIS, 2008, p.10).

Talvez, a partir do excerto acima, pode-se pensar que a loucura ultrapassa a si mesma. Ela está além de um discurso desconexo. Ela é desconexa por si, ela quer um olhar, somente. Ela não exige que seja um olhar que conceda nexos. Ela não exige olhar algum? O fato de um profissional terapeuta ter ou não ter um olhar para ela, possivelmente seja o que possibilite ao profissional ultrapassar a si mesmo. Como a loucura faz. E tal ultrapassagem não tem o sentido de juízo de valor – melhor ou pior – e sim de se descobrir de outros jeitos, de atuar de modo inventivo, de ampliar o olhar sobre os sujeitos e sobre a sua própria prática. A loucura parece desorientar nesse sentido: como uma ferramenta que leva a outras possibilidades. Outrossim, a um olhar diferenciado em relação a ela mesma, à vida, à prática terapêutica.

O olhar diferenciado ou ampliado aos sujeitos – profissionais, pacientes ou loucos – faz pensar na Clínica Ampliada, a qual tem como tarefa reencontrar os sujeitos, ou seja, reencontrar aquele que cuida e aquele que é cuidado. Também a dimensão inventiva da Clínica Ampliada pode ser relacionada ao que se discutiu até o momento, pois remete ao fato de não ter um *a priori* e sim a encarar cada prática de saúde como um momento de invenção do humano em nós. Assim, há um processo que vai do conhecer para transformar até o transformar para conhecer. Trata-se, desse modo, de uma meta que se constrói enquanto se caminha (informação verbal)².

Durante o andar, o conceito de Clínica Ampliada parece se articular à ideia de loucura, bem como à ideia de construção da Monografia. Quanto à loucura e à construção do presente trabalho, são compreendidas enquanto processo. Quanto ao conceito de Clínica Ampliada, parece se aproximar de um processo também, pois critica a “[...] forma instituída da Clínica. Forma esta que parece já não se sustentar” (PAULON, 2004, p.261). Assim, os três aspectos podem ser sintetizados como longe de estarem prontos ou terminados. Pelo contrário, se parecem com as pessoas de Guimarães Rosa (1983): afinam e desafinam.

Ao falar na Clínica como possibilidade inventiva e ampliação do olhar, Paulon (2004) expõe: “Fico pensando por onde anda nossa tão promulgada capacidade de

² Informação verbal fornecida por Simone Paulon, na Aula Inaugural do Curso de Psicologia da Univates, Palestra intitulada “Onde pisa o chão, minha alma salta: por uma clínica da amplidão”, realizada em Lajeado/RS, em 05 de abril de 2013.

escutar e tão procurada possibilidade de se deixar afetar pelo outro” (p.265). Por onde anda? Quem sabe, possamos nos guiar por Simone Paulon – em palestra aludida anteriormente – para pensar por onde anda a escuta e o afetar-se. A estudiosa mencionada argumenta que a Clínica Ampliada permite maior protagonismo e autonomia aos sujeitos, bem como uma corresponsabilização no cuidado, o que é provável que leve a um cuidado mais inventivo e a um afetar-se sem tantos receios, uma vez que a prática passa a ser algo menos instituído e mais movimento, mais possibilidade de novos modos de ser, de outros modos de se relacionar com o mundo, com a prática clínica, com a loucura.

O ampliar a clínica, para Figueiredo (2013), equivale a “[...] desviar o foco de intervenção da doença, para recolocá-lo no sujeito, portador de doenças, mas também de outras demandas e necessidades” (p.1). Como pensar a loucura para além da doença mental? Como olhar para as potencialidades do sujeito louco? Como se abrir para práticas alternativas e inventivas de tratamento à loucura?

Por que a escolha da loucura como tema? Anterior a qualquer resposta ou motivo, o simples fato de a loucura estar movimentando em mim questionamentos e incertezas, já é um sinal de que não tenho certeza sobre o que irei encontrar. Portanto, a pesquisa está me mobilizando a buscar além do “já sabido”. Fischer (2007) revela as “[...] dificuldades em nos desprendermos da tranquilidade do já sabido” (p.49). Isso, porque o desprendimento inquieta. Porque incomoda. Porque desestabiliza. Porque provoca. Porque movimenta não se sabe para onde. Porque gira e gira. Porque nos faz girar e girar. Sabe-se-lá como ou por qual motivo.

Seria tão mais fácil nos deixar levar pelo que já sabemos e pelo que já está pré-definido. Mas não. O presente trabalho busca o além. Aprendizado! É o que me possibilitou e é o que cacei com fome de leão. Além disso, a escolha do tema está relacionada às incertezas e dúvidas que o próprio tema provoca em mim enquanto pesquisadora. Interroguemos, pois! Pois... Nos inundaremos de pois, porquês, perguntas.

Caminhos? Correspondem a um processo e não a uma chegada:

“O lugar não me importa muito...” disse Alice. “Então não importa que caminho você vai tomar” disse o gato. “Desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice em forma de explicação. “Oh, você vai certamente chegar a algum lugar” disse o gato, “se caminhar bastante” (CARROLL, 2007, p.84).

Caminhos? São incertos. E se não fossem, tudo já estaria pronto de antemão. Não seria necessária essa pesquisa. Mas ela não é necessária. Ela é curiosidade. Vontade. Desespero. Ousadia. Sacolejo. Sacola. Ela não anda. Ela vai desleixando... ando... Indo para a problematização e não para a libertação de uma verdade.

Aos poucos, fui afunilando as minhas proposições. Decidi utilizar o marco da Reforma Psiquiátrica Brasileira para pesquisar as revistas publicadas após tal data. Aos poucos, as minhas ideias permearam o catavento, levando-o a girar de modos diferentes. Sem cessar. As modificações não terminam e o catavento está em construção. Aos poucos...

Aos poucos, as hastes que constituem o catavento movimentaram a presente Monografia. Hastes que poderiam ser pensadas em aproximação aos capítulos que se desenrolarão a seguir. No embalo, a primeira haste a ser levemente girada corresponde ao capítulo denominado “Ins(pirações) teóricas”, o qual discute, em seu subcapítulo “Da (in)diferença à lou(cura)”, sobre a contextualização histórica da loucura, procurando delinear o processo que foi, à loucura, ganhar “ares” de doença. Demonstra, também, como a loucura é um fenômeno produzido socialmente. E produzido de modo diferente a cada momento histórico. No subcapítulo “A Re(forma) Psiquiátrica brasileira: outras formas de compreensão da loucura”, pretende-se que os ventos se voltem a um entendimento mais ampliado da Reforma mencionada, encarando-a para além do fechamento de manicômios. Encarando-a como uma problematização do lugar social da loucura e do louco e uma proposição de mudança paradigmática. Em outro subcapítulo, chamado “A mí(dia): ins(pirações), (inspira)ções, inspir(ações)”, a haste gira em torno da mídia e do sujeito “louco” ou sujeito “da loucura” que está sendo construído no contemporâneo, a partir da discursividade. Concede visibilidade, ainda, à problematização sobre a mídia ser produtora de discursos, ou produzida por eles.

O capítulo “Outros giros” apresenta aspectos pontuais da pesquisa, tais como Justificativa, Tema, Problema, Objetivo Geral e Objetivos Específicos. Já o capítulo denominado “Metodologia” faz o catavento parar por instantes, para se organizar. Isso, porque no primeiro subcapítulo que o compõe, denominado “A loucura nas Revistas Veja: o que vejo?”, defende-se o uso da Revista Veja para a pesquisa a ser desenvolvida, trazendo dados concretos da validade de tal material discursivo para o que se pretende efetuar. O subcapítulo “Compondo uma Metodologia?”, por sua vez, delinea o método a ser seguido para a realização da pesquisa, esboçando – ao trazer de

modo objetivo a justificativa do uso das revistas *Veja* do mês de maio, bem como dos descritores escolhidos – que a Análise de Discurso guiará os passos da análise. Em seguida, o subcapítulo “Girando com Michel Foucault” expõe algumas ideias de Foucault, atreladas à Análise de Discurso, com vistas a situar a metodologia escolhida.

E as hastes vão inventando o que se parece com a figura de um catavento. Entre elas, o capítulo “Quadros de análise: setas rotatórias e respingos de tinta” destaca-se como movimento que apresenta as informações referentes às reportagens utilizadas na presente Monografia. Informações que são esboçadas a partir de quadros, de maneira análoga a uma exposição de quadros.

Após a exposição, o capítulo “E a análise... Faz o catavento camaleão! Colore-se, embalado pelos respingos de tinta” é descrito, enfatizando a análise a ser realizada a partir das reportagens apresentadas no capítulo anterior, bem como das problematizações lançadas ao longo da escrita dos capítulos antecedentes. Compõe-se, assim, de subcapítulos: “Desfazer o normal, há de ser uma norma”, o qual traz reportagens da *Veja* que atrelam a loucura ao exagero; “Me deram um nome e me alienaram de mim”, cuja ideia é analisar reportagens da *Veja* que tratam da negação da loucura; “*PATHOS*: paixão – saúde ou doença?”, o qual analisa as reportagens que articulam loucura e fanatismo; “Será que a polícia me pega? Me pega porque existo?”, subcapítulo que analisa as reportagens da *Veja* que apresentam a loucura relacionada à periculosidade; “Análise da Análise”, que fala sobre como foi, para mim, enquanto pesquisadora, realizar a análise das reportagens, bem como do meu lugar na pesquisa e das sensações experimentadas; “A análise que acontece, mesmo sem existir”, o qual pretende falar da análise realizada na *Veja* a respeito dos descritores “Reforma Psiquiátrica”, questionando se há a necessidade de abordar tal tema em uma revista como a *Veja*.

Por fim, as “Ins(pirações) finais” intuem apresentar um panorama geral do que foi possível visualizar a partir da análise discursiva realizada. Como escrita mais solta e sem tantas necessidades de articulações com autores, tal capítulo apresenta-se como o mais “cataventado” de todos. E como poderia ser diferente, se é embalado por todas as discussões anteriores? Gira tão rápido, que pode deixar tonto. Tontura que propicia experimentar-se em outro lugar. Experimente!

2 INS(PIRAÇÕES) TEÓRICAS

2.1 Da (in)diferença à lou(cura)

Ah, a loucura. Como pensar um tema tão amplo, e ao mesmo tempo tão abstrato? Há como defini-lo? Existe uma palavra que diga: sim, isso é a loucura em todos os seus sentidos possíveis? Foucault (2010b, p.163) provoca: “(...) a loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam”. Assim, torna-se imprescindível olhar para o social enquanto possível produção da loucura. Produção, essa, que já passou por vários movimentos. E que continua girando, girando... Catavento.

Só recentemente a loucura recebeu status de doença, no Ocidente. Antes da medicina dita positiva, o louco era considerado um “possuído”. Na Idade Média e no Renascimento, o louco era um doente ignorado, preso a significações religiosas e mágicas (FOUCAULT, 2000). Além disso, nos períodos mencionados, a loucura era, no social, um fato cotidiano. Apenas quando o louco se tornava perigoso, construía-se uma casa, para ele, longe da cidade (FOUCAULT, 2010b). E até o início da Idade Clássica, continuou assim: a loucura só era separada do social se adquirisse formas perigosas. Em determinado período da Idade Clássica, inclusive, os lugares terapêuticos correspondiam à natureza e não a um espaço confinado. Quanto aos médicos, recomendavam que os pacientes repousassem, viajassem e fizessem uma espécie de corte com o mundo artificial da cidade. O teatro era, também, um lugar considerado terapêutico na Idade Clássica (FOUCAULT, 1998).

Em determinado momento do seu livro clássico sobre a loucura intitulado “História da loucura”, Foucault (2010c) lança a ideia de que a loucura está relacionada

ao período da Renascença. Período, esse, se nos basearmos em Cerqueira e Lopes (1997), caracterizado pela ousadia da civilização europeia, pois a criação de técnicas e conhecimentos, principalmente em relação à arte da guerra, ganha destaque. Peris et al (1990) especificam o Renascimento como uma época em que, em alguns países europeus, especialmente na Itália, os artistas e cientistas fizeram renascer a cultura e a arte greco-romanas, e iniciaram um período de progresso e valorização do homem.

Assim, o Renascimento é caracterizado pelo antropocentrismo e pelo fato de o homem passar a ser valorizado como um ser racional (MENDES, LEWGOY e SILVEIRA, 2008). Trata-se de um entendimento racionalista do mundo. Entendimento, esse, no qual a loucura não se encaixa. Ela não é racional. Ao mesmo tempo, porém, o antropocentrismo volta-se para o homem, o que poderia explicar o fato de a loucura passar a ser classificada ou nomeada justamente nesse período.

Pode-se pensar, a partir do que foi descrito no parágrafo anterior, que no Renascimento se começa a ter um olhar para o homem, para o homem como centro e como aquele que possui a base do conhecimento, devido a ser portador da razão (MENDES, LEWGOY e SILVEIRA, 2008). O olhar não se volta mais, por conseguinte, para Deus como centro de todas as coisas. Momento propício, portanto, à sociedade olhar para o que já estava ali, mas não se via: o pensamento irracional, o comportamento que não segue as normas pré-estabelecidas.

Foucault (2010c) serve de brisa para que a relação entre a loucura e o Renascimento seja olhada por outro viés. O autor sublinha que a loucura está ligada "[...] ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões" (p.24), o que leva o catavento a girar em torno das características do Renascimento referentes à valorização do homem e ao "voltar-se" para o homem... Características, essas, que levam a um voltar-se para a loucura também, pois a loucura está ligada ao homem e aos fantasmas que o constituem?

Quanto aos geógrafos do Renascimento, Peris et al (1990) destacam que tinham muita curiosidade em saber se "[...] havia outras terras para além dos mares conhecidos" (p.14). Talvez, seja possível fazer uma analogia entre a loucura, fenômeno até então desconhecido, e as terras distantes incertas e desconhecidas. O interesse pela loucura surge, destarte, no Renascimento, conjuntamente ao interesse pelo além dos mares e terras conhecidos? Esse além do conhecido parece estar atrelado, também, à ilha desconhecida de Saramago (2012), referida acima.

Sigo embalada por Foucault (2010b): “A loucura é o exterior líquido e jorrante da rochosa razão” (p. 205). Liquidez! Fluxo! A loucura não remete a algo rochoso, duro, invariável. Ela é água. Água me faz lembrar a nau dos loucos, fenômeno importante de determinado momento do Renascimento. Sobre a nau: refere-se a barcos que levavam os insanos de um local até o outro. Sobre os passageiros:

(...) são os avaros, os delatores, os bêbados. São os que se entregam à desordem e à devassidão; os que interpretam mal as Escrituras, os que praticam o adultério (...) em suma, tudo o que o próprio homem pôde inventar como irregularidades da conduta (FOUCAULT, 2010c, p.25).

Olhando para a infindável lista de passageiros, uma ventania me toma e me coloca nas naus também. Quem escaparia? “[...] eu não ando com loucos”, observou Alice. “Oh, você não tem como evitar”, disse o Gato, “somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca” (CARROLL, 2007, p.85). Quem não era louco no Renascimento? Quem não era louco no País das Maravilhas? Semelhanças entre o Renascimento e o enredo de Carroll (2007) se tornam evidentes? Semelhanças à parte, em Carroll (2007), a loucura produz um País das Maravilhas. E no Renascimento?

Passageiros, denominados por Foucault (2010c) de carga insana, abarrotavam as barcas. Eram depositados em tal espaço porque desviavam. Desviavam das normas sociais. Desvios. Desvios que, possivelmente, eram atravessados por inúmeros fatores, sociais inclusive. Entretanto, eram encarados como irregularidade de conduta, ou seja, se culpabilizava apenas o sujeito. Ao contextualizar tal culpabilização, bem como o excerto acima, pode-se pensar que as naus ocorreram durante o Renascimento, período em que havia um “voltar-se” para o homem, no sentido de uma valorização do homem – conforme mencionado anteriormente – e de uma razão vista como a base do conhecimento. Como, então, não olhar para o sujeito que não possui a razão esperada como o culpado por sua condição? Como não olhar para todos os que não seguem determinada norma como portando condutas irregulares? A questão passa a ser o que seria uma conduta adequada em um período tão racional e ao mesmo tempo tão ousado, conforme aludido em discussões anteriores.

Para fins de explicação, os loucos eram, então, levados pelas naus com a intenção de purificação, uma vez que se pensava que a água levava embora as supostas impurezas que constituíam os sujeitos colocados nas barcas (FOUCAULT, 2010c).

Ressaltando o que foi problematizado, Foucault (2010a) diz que a água é pura e que ela “[...] tem virtudes eficazes contra o oceano venenoso da loucura. Ela cai do céu (...) impregna, em vez de deixar flutuar na incoerência; lava, devolvendo às coisas e aos seres sua verdade” (p.206). Verdade. Razão. Conhecimento. Verdade, razão e conhecimentos: três aspectos que parecem se imbricar. Três aspectos valorizados com louvor no Renascimento. Três aspectos que parecem resultar da purificação que a água possibilita. Da purificação que as naus propiciavam aos passageiros.

Em determinado período da Idade Clássica, a loucura é conduzida das naus aos hospitais (FOUCAULT, 2010a). Para acontecer esse movimento, foi preciso que a sociedade se tornasse intolerante com os loucos. E isso ocorreu, mais especificamente, com o início da industrialização (FOUCAULT, 2010b).

As internações surgem, assim, no século XVII, como reflexo da intolerância existente em relação àqueles que escapavam das normas sociais. As internações, além disso, silenciam e excluem; e de 1650 a 1750, elas se fizeram presentes não apenas para os loucos, mas também para “(...) os velhos, os doentes, os desempregados, os ociosos, as prostitutas, todos aqueles que se encontravam fora da ordem social” (FOUCAULT, 2010b, p.265). Importante ressaltar, ainda, que nos estabelecimentos onde as pessoas eram internadas, não havia intenção terapêutica e sim trabalhos forçados. Assim, pode-se pensar que havia exclusão do que não era produtivo ou considerado “certo” perante as normas sociais vigentes.

As internações, além do que já foi mencionado, possibilitaram à loucura dividir espaço com criminosos, o que levou a estabelecer um parentesco com as culpas morais e sociais (FOUCAULT, 2000). Parentesco, esse, que talvez ainda não tenha sido rompido. Parentesco e, ao mesmo tempo, questionamento sobre se há como fazer linhas de divisão entre ato criminal e loucura, aparecem nas discussões de Bezerra (2013). O estudioso reflete que é cientificamente impossível responder se há como exercer tal divisão. Acrescenta, inclusive, que o que está em jogo é o que é ser um humano e o que é ser racional. E o que é? A racionalidade evidencia-se, novamente... Para deixar de lado o que a razão não abarca?

Foucault (2010d), em determinado momento de suas reflexões, aponta que internar em uma prisão ou em um asilo “dava na mesma”. Ao que parece, a criminalidade e a loucura se confundiam. Será que nos discursos que circulam no

contemporâneo tal confusão ainda é evidente? Será que se trata apenas de uma confusão?

Um “além da confusão” é o que aparece nas problematizações de Scisleski (2000). A estudiosa, ao falar nos sujeitos que desrespeitam as leis instituídas pela sociedade – loucos e criminosos – refere que toda a sociedade possui pulsões criminosas latentes e que precisam ser recalçadas, pois “[...] os impulsos criminosos se encontram tanto no criminoso como na comunidade que dele se vinga” (SCISLESKI, 2000, p.95). Além desse recalçamento, a sociedade pune, exclui e isola os loucos ou criminosos... Intuindo não contaminar os que seguem as leis vigentes. Assim, o ódio pelos que violam a lei provém do desejo – do resto da sociedade! – pelo proibido?

É como se o criminoso e o louco lesassem a sociedade, porque rompem o pacto social, ou seja, o seguir as leis e normas instituídas e vistas como normais? E qual a consequência dessa lesão? A pena e a correção. Se o delito ou crime for considerado decorrência da psicopatologia do sujeito, irá se recorrer à correção ou ao tratamento. Caso a psicopatologia não seja evidenciada, haverá pena (SCISLESKI, 2000, p.96). Como delimitar as fronteiras entre a psicopatologia e o ter consciência dos seus atos? Será que a psicopatologia remove a consciência? Será que a ausência de psicopatologia implica em possuir consciência?

A aproximação entre loucura e crime evidencia-se, também, em outra passagem de Foucault (2010e), quando o autor fala no quanto os psiquiatras, em meados de 1830, impuseram a prática penal de modo absoluto, embora tal prática não tivesse interesse nos psiquiatras e sim tentasse afastá-los. Tanta imposição fez com que os psiquiatras conseguissem ter a prática penal em suas mãos. Assim, “[...] no momento em que a psiquiatria se dava o direito de fazer internar um indivíduo como perigoso, era preciso mostrar que a loucura era perigosa” (FOUCAULT, 2010b, p.297). De certo modo, foi estabelecido que no cerne de todo crime havia uma pitada de loucura, o que faz pensar que “[...] por trás da loucura, há perigo de crime” (FOUCAULT, 2010b, p.298).

Quem eram os loucos? Quem eram os penalizados? Os loucos, conforme mencionado anteriormente, eram aqueles que se caracterizavam por irregularidade de conduta? Como distinguir o ato que exige penalidade ou punição daquele que corresponde à loucura?

Foucault (2010e) diz: “A psiquiatria precisa anexar-se à criminalidade para poder funcionar como ela funciona” (p.298). Tal provocação parece se aproximar dos

questionamentos descritos no parágrafo acima sobre a distinção entre loucos e penalizados. Que outra estratégia utilizar-se-ia para "limpar" a cidade se o internamento não tivesse acontecido?

Para Foucault (2010f), o fato de a psiquiatria se tornar importante durante o século XVIII não aconteceu apenas devido a ela aplicar "[...] uma nova racionalidade médica às desordens da mente ou da conduta, foi também porque ela funcionava como uma forma de higiene pública" (p.9). O "limpar" a cidade, mencionado acima, parece se articular à higiene retratada aqui, bem como à purificação que as naus permitiam. E por que essa necessidade de limpeza?

Limpeza faz pensar em tudo aquilo que não é obscuro, e sim higienizado, purificado, transparente, água. Destarte, a limpeza parece se articular a vários aspectos que permearam a loucura no decorrer dos tempos, e que já foram discutidos no presente escrito. Todavia, a falta de obscuridade faz pensar em além da limpeza. Faz pensar em luz. Luz faz pensar em Iluminismo. Iluminismo difundiu um outro olhar frente ao cuidado dos transtornos mentais. “Profissionais da saúde reformularam o tratamento psíquico, e os pacientes, gradualmente, passaram a ser vistos como pessoas que precisavam de ajuda – e não de tortura” (ALBINI, 2006, p.53). Pode-se questionar, todavia, como era esse cuidado diferenciado em relação à loucura, considerando que o cuidado estava em meio aos “racionais” que o Iluminismo produziu.

Se pensarmos com Nascimento et al (2001), o Iluminismo corresponderia ao século XVIII, ou seja, ao Século das Luzes. Em tal época, acreditava-se que “[...] a razão havia atingido um tal estágio de desenvolvimento que tornava possível reduzir ou mesmo eliminar de vez toda ignorância humana” (p.5). Ignorância articulada à escuridão? Nada deveria, então, ser escuro? Tudo deveria ser claro e conhecido? Buscando a luz, raciocino sobre o quanto deveria ser difícil a eliminação da loucura, caso ela fosse pensada enquanto ignorância humana ou escuridão. A Loucura, porém, se defende, ao ousar dizer que enquanto o sábio é guiado pela razão, o louco é guiado pelas paixões (ROTTERDAM, 1997). Afinal, quem ilumina mais?

Na claridade que as problematizações de Nascimento et al (2001) propiciam, pode-se dizer que se acreditava, no Iluminismo, que ao atingir o estágio mencionado no parágrafo anterior, a razão poderia estabelecer um mundo que fosse fundado no conhecimento da verdade e na experiência da liberdade. Pode-se pensar, a partir disso, que o conhecimento da verdade e a experiência da liberdade produziram o olhar

diferenciado - mencionado no parágrafo acima - no cuidado aos transtornos mentais. Será? É possível acreditar em um olhar racional como sendo diferenciado em relação à loucura (algo irracional)? Em seu monólogo - permeado por outras vozes, porém! - a Loucura de Rotterdam (1997) se posiciona de modo a exaltar a si mesma, depreciando o que vai contra ela, ou seja, o que usa a lógica ou a razão. Até que ponto a Loucura, então, se potencializaria com um olhar racional?

Ao falar na lógica e na razão, a moral é enfocada pela lanterna, concedendo luz ao "Tratamento Moral". Tal tratamento foi difundido ao final do século XVIII, tendo como base os princípios filosóficos e morais correntes, bem como uma relação mais horizontal entre alienado e profissional (ALBINI, 2006). Essa relação mais horizontal pode ser pensada como um passo para além da "menoridade", a qual seria "[...] um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir nos domínios em que convém fazer uso da razão" (KANT apud FOUCAULT, 2008a, p.337). Essa relação autoritária é substituída, no Tratamento Moral, por uma relação mais horizontal? Trata-se de substituição ou de movimento em vias de se fazer?

Ao espichar todo o corpo em um movimento improvisado, Foucault (2008a) aponta exemplos, baseados em Kant, acerca do estado de menoridade. Dentre eles, um que diz respeito ao médico decidir a dieta do paciente. Tal decisão se assemelha ao fato de o médico decidir se o paciente será internado ou se o paciente deverá tomar medicação? Tudo parece muito racional... Como estabelecer uma relação horizontal, se a base do tratamento remete aos princípios morais vigentes? Há como articular moralidade e uma relação que não seja vertical?

A relação que não é vertical, bem como a noção de menoridade, fazem pensar em Clínica Ampliada. Conceito já trabalhado neste escrito, mas que nesse momento parece complementar as discussões travadas, pois corresponde a olhar para a complexidade do sujeito e não apenas para a doença que ele tem ou para o remédio que resolverá seus sintomas. Destarte, as possibilidades de intervenção se abrem, e com elas a possibilidade de se propor tratamentos com ênfase na participação dos envolvidos (BRASIL, 2007). Ou seja, percebe-se na Clínica Ampliada uma relação horizontal e na qual o médico não decide por si e sim no encontro com o usuário e com as complexidades inerentes ao mesmo.

Além de ser pensada como um passo adiante do estado de menoridade, a relação mais horizontal estabelecida durante o Tratamento Moral (ALBINI, 2006) pode ser

compreendida, também, como um passo em direção à “maioridade” que Kant (apud FOUCAULT, 2008a) descreve. Sobre a maioridade, poderá ser adquirida pela humanidade, mas isso não acontecerá quando não for mais preciso obedecer, e sim quando se disser à humanidade "Obedeçam, e vocês poderão raciocinar tanto quanto quiserem" (KANT apud FOUCAULT, 2008a, p.338). Seria a relação horizontal um modo de obedecer e poder raciocinar sobre isso? Seria a relação horizontal uma não obediência, mas também um não raciocinar?

O raciocinar. As luzes. O Iluminismo. O Iluminismo recebe críticas de Foucault (2008a). Várias. Dentre elas, o autor fala que no século XVIII as publicações em jornais se baseavam em perguntas sem resposta. Haveria respostas e certezas e luzes, então? O Iluminismo pretendia conceder respostas e certezas a tudo... Mas onde estavam as respostas nas publicações dos jornais?

Certa vez, porém, um periódico alemão publicou a resposta de Kant à questão sobre o que é a *Aufklärung*³ (FOUCAULT, 2008a). No texto publicado como resposta, Kant fala na *Aufklärung* como processo que nos liberta do estado de menoridade e ao mesmo tempo como atrelada à questão filosófica do presente. Além disso, compreende a *Aufklärung* através da transformação de uma relação preexistente entre a autoridade, o uso da razão e a vontade (FOUCAULT, 2008a)... O que nos faz girar e voltar à questão da relação horizontal. Tal relação abole a autoridade, o uso da razão e a vontade? Foucault (2008a) argumenta que no artigo publicado como resposta à questão sobre a *Aufklärung*, esta pode ser articulada ao momento em que a humanidade passa a fazer uso de sua própria razão, sem a submissão a uma autoridade.

Foucault (2008a), baseado em Kant, apresenta a *Aufklärung*, também, de um modo ambíguo, uma vez que a caracteriza como um processo e como uma obrigação ou tarefa. Ambiguidade no Iluminismo? Isso parece contradizer as certezas que se buscava, o que denota mais uma crítica de Foucault (2008a) ao “momento das luzes”.

As luzes iluminam o estado de menoridade. Foucault (2008a) ressalta que o próprio homem é responsável por tal estado e Kant apud Detoni (2009) expõe que o Iluminismo propiciaria ao homem sair da sua menoridade – como referido anteriormente acerca da *Aufklärung* propiciar isso – através do uso da sua coragem e do servir-se de si próprio para tomar suas decisões. Dessa maneira, se o próprio homem

³ Conhecimento, Iluminismo.

não operar mudanças em si, não conseguirá sair do estado de menoridade. É preciso, então, um ato de coragem para realizar a *Aufklärung*! É preciso que os homens se engajem enquanto atores! Assim, a *Aufklärung* "[...] é uma mudança histórica que atinge a vida política e social de todos os homens sobre a superfície da terra. Ou (...) se trata de uma mudança que afeta o que constitui a humanidade do ser humano?" (KANT apud FOUCAULT, 2008a, p.338). A ideia de que cabe ao próprio homem modificar-se ou buscar a maioridade evidencia-se. Até que ponto não centraliza no sujeito e na razão um processo que é envolvido por inúmeros aspectos? Até que ponto uma crítica ferrenha ao Iluminismo enquanto produtor de certezas resultantes da razão humana não se desenha? E a certeza resulta apenas da razão?

Para situar o leitor e ao mesmo tempo seguir nas articulações e movimentos, é importante esclarecer que o Renascimento e o Iluminismo são períodos que constituem a Idade Moderna, a qual abarca do século XVI ao XVIII e fundou uma outra maneira de olhar para o mundo (CERQUEIRA e LOPES, 1997). Para Baudelaire apud Foucault (2008a), a Modernidade é caracterizada por ruptura da tradição, sentimento de novidade, transitoriedade, ao mesmo tempo em que requer que os homens assumam uma atitude frente ao movimento, e não apenas aceitem o movimento. Esse assumir uma atitude ou posição articula-se ao que se falava antes sobre caber ao próprio sujeito transformar-se para sair da menoridade... E entrar na Modernidade? Kant apud Foucault (2008a) reflete sobre a Modernidade se aproximar mais de uma atitude do que de um período histórico. Tal atitude refere-se ao fato de o sujeito, por si mesmo, assumir atitudes e ter coragem para se modificar?

O sujeito em meandros. O sujeito envolvido por forças externas. Girando entre relações e tratamentos. Catavento. Girando com tratamentos morais e tentativas de cuidado mais humanas, está o asilo. Asilo para “[...] permitir a descoberta da verdade da doença mental” (FOUCAULT, 1998, p.121). Aos poucos, o que era entendido como mal-estar da sociedade passou a ter “cara” de doença, pois o hospital psiquiátrico do século XIX torna-se um local de diagnóstico e classificação (FOUCAULT, 1998). E, porque não, de busca da cura.

Por fim, “(...) a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão” (FOUCAULT, 2010a, p.33), o que faz pensar que se a razão fosse inexistente, a loucura também o seria. Faz pensar, além disso, nas especificidades e movimentos que constituem a loucura, embora ela tenha um braço que não se solta da razão. Em suma, o

louco já foi visto como aquele que teve a razão perdida, como aquele que não conseguia controlar as paixões da sua alma, como aquele que possuía condutas um tanto bizarras, bem como comportamentos considerados desviantes. Esses giros por que a loucura já se deixou embalar foram, explícito ou implicitamente, explanados ao longo do tópico que finaliza. E ao mesmo tempo não finaliza, visto que

[...] a questão da loucura e das diversas compreensões que dela se fazem há muito vêm sendo discutida e teorizada, nos mais variados campos das ciências humanas, sem que se possuía, evidentemente, uma solução final ou definitiva. Excluir a loucura, segregá-la, negá-la é uma prática secular e recorrer à história para entender os motivos desta prática pode nos ajudar na direção de novos modos de compreensão e convívio com a loucura. (RAINONE, 2007, p.25).

Por fim, e ainda sem finalizar, reitero que a contextualização histórica da loucura, realizada no tópico que se pretende concluir, não tem a intenção de entender a loucura, e sim de levar a novas compreensões acerca dela.

2.2 A Re(forma) Psiquiátrica brasileira: outras formas de compreensão da loucura

Depois de pensar o processo de investigação acerca da loucura, a Reforma Psiquiátrica Brasileira será problematizada, uma vez que ela pode ser pensada como um dos possíveis aspectos potentes a se desenvolver na pesquisa, no sentido de olhar para a loucura por outros vieses. Sobre a Reforma Psiquiátrica, é entendida como uma proposição de mudança paradigmática, no sentido de “[...] mudanças políticas, sociais, culturais e clínicas” (JUCÁ et al, 2010, p.94), e não somente como uma proposta de modelo assistencial. Assim, a Reforma situa-se em diversos campos – clínico, político, jurídico, sociocultural, entre outros – e não corresponde a um modelo que sirva para todos os contextos. Isso, porque o Brasil é um país de diferenças extravagantes. Torna-se, desse modo, inviável construir um modelo que sirva tanto para as megalópoles quanto para as pequenas cidades (BEZERRA, 2007).

Reforçando a ideia de mudança paradigmática que a Reforma Psiquiátrica Brasileira possibilita, comentada no parágrafo anterior, pode-se discorrer com Bezerra

(2007) que o alcance da Reforma “ultrapassa os limites das práticas de saúde e atinge o imaginário social e as formas culturalmente validadas de compreensão da loucura” (p.243). Supõe-se, a partir disso, que o imaginário social e a compreensão de loucura que aparecerá nas revistas Veja possui vinculação com as modificações que a Reforma foi provocando nesses quesitos.

Complementando o parágrafo anterior, Bezerra (2012) conversa sobre como o olhar da psiquiatria, atrelado ao imaginário social, leva a reflexões sobre a cultura brasileira. Reflexões e análises, por conseguinte, alusivas ao modo que a psiquiatria e o imaginário social lidam com as questões referentes ao que circula no social. Reflexões e análises que parecem se aproximar da pesquisa que será realizada sobre a loucura na atualidade. Como é o olhar da psiquiatria sobre a loucura hoje? O que aparece enquanto discurso que circula e que se refere ao imaginário social?

Se voltarmos no tempo com Bezerra (2013), chegaremos a 1980 e às incontáveis mudanças que a terceira versão do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) trouxe. Tal versão varreu a compreensão psicanalítica e enfatizou a classificação e a versão biológica da psiquiatria, o que resultou em um *boom* de diagnósticos psiquiátricos! Como Manual Diagnóstico, mas também Estatístico, ressalta-se o fato de uma das maneiras de definição do que é normal ser baseada na objetividade e na estatística, no sentido de que existe uma regularidade e o que os dados identificam como desvio do padrão é considerado fora do campo da normalidade (BEZERRA, 2013).

O que é ser normal? Além da definição objetiva acerca do que é normal – definição referente a “não se encaixar” em um diagnóstico do Manual mencionado acima – Bezerra (2013) fala de uma definição denominada “maneira normativista”, a qual olha para a vida subjetiva e singular, compreendendo que ser saudável é exercer a potência que se tem, uma vez que nem todos que nas estatísticas são classificados como normais não estão em sofrimento. Ou, ainda, nem todos que são classificados pelas estatísticas como “anormais” estão em sofrimento. O que é ser normal? Escutando Bezerra (2013), é possível argumentar que não existe uma resposta, pois apenas o discurso científico é imune à crítica permanente. Não obstante, o discurso científico parece acentuar, somente, o que não é normal ou o que é passível de classificação. A normalidade, ao que parece, não fica imune e sim mergulhada em críticas e questionamentos.

Em discussão sobre a quinta versão do DSM, bem como sobre o quanto a publicação de tal Manual aumentará o número de pessoas acometidas com algum dos transtornos propostos nessa 5ª edição, Brum (2013a) assinala um impasse provocador: o fato de a psiquiatria estar transformando a normalidade em anormalidade. Assim, “O ‘normal’ seria ser ‘anormal’ (...) o DSM influencia não só a saúde mental nos Estados Unidos, mas é o manual utilizado pelos médicos em praticamente todos os países. É, portanto, o que define o que é ser “anormal” em nossa época” (BRUM, 2013a, p.1). A normalidade parece estar encolhendo... Ainda não sumiu? Cadê?

Brum (2013a) cita o coordenador da quarta versão do DSM, Allen Frances, como o crítico mais fervoroso da quinta versão do manual. O estudioso demonstra sua crítica ao falar na expansão das fronteiras da psiquiatria e no encolhimento da normalidade nos dias de hoje. Como diria Caetano Veloso “de perto ninguém é normal” (BRUM, 2013a). E não é mesmo! Mas o fato de não ser normal, ou de ser diferente, implica em ser classificado como doente mental? Seria a definição de normal e anormal uma construção cultural? Por que a necessidade de se ter uma definição para o que é singular? Será que a Reforma busca singularizar o que outrora se mostrava definido e pronto de antemão?

Bezerra (2007) segue em suas problematizações apontando que a Reforma reorganizou as equipes, transformou os papéis dos técnicos – outrora tão fragmentados – ao falar em interdisciplinaridade e intersetorialidade, bem como articulou aspectos clínicos e políticos no que diz respeito à atenção psicossocial. O estudioso acrescenta, aliás, que para que os profissionais levem adiante o processo de modificações que o ideário – ideário pensado enquanto um conjunto de metas a se colocar em prática – reformista prima, é imprescindível que esses temas constituam a formação dos profissionais.

Além da formação profissional voltada para questões que levem adiante as transformações reforçadas pela Reforma, os direitos humanos e a dignidade da pessoa considerada louca precisam ser aspectos defendidos nos movimentos de contestação da cultura manicomial. A inserção no campo da cidadania faz pensar que o debate é político, mais do que de argumentação médica (BEZERRA, 2007).

Argumentação médica, todavia, faz pensar em saúde e nas estratégias utilizadas para tal, através do ideário da Reforma. Bezerra (2004) parece apontar uma direção

acerca do movimento que a Reforma Psiquiátrica brasileira tenta fazer no que diz respeito à saúde, ao sofrimento, à vida:

Ter saúde (...) não é não adoecer. É poder adoecer e se recuperar. Poder sofrer e ultrapassar o sofrimento engendrando novas formas de lidar com a vida. Uma vida que não se depara com o intolerável, com o assombro, com o sem-sentido, é uma vida empobrecida, normatizada, incapaz de agir criativamente (BEZERRA, 2004, p.6).

Pode-se pensar, a partir disso, que a Reforma não tem a intenção de extinguir o sofrimento com uma varinha mágica ou com um comprimido que faça o usuário “não-sentir”. Pelo contrário, a Reforma parece desejar que o usuário sinta, sofra, grite, para que se aproxime de si e do que o aflige. Tais aproximações, provavelmente, levarão a modificações, uma vez que a reflexão leva a transformações? Além disso, é possível refletir que a Reforma busca, também, uma modificação no entendimento da sociedade acerca do sofrimento psíquico?

Dentre as modificações mais “palpáveis” que a Reforma propiciou, os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) podem ser pensados como uma estratégia que substituiu – ou pretende substituir – os manicômios, pois são considerados, por Zavaschi (2009), estruturas terapêuticas intermediárias à hospitalização fechada e ao tratamento aberto. Além disso, são serviços que desenvolvem programas de atenção e de cuidados intensivos, ao auspiciarem a promoção da saúde e a assistência à doença mental “(...) através de equipes interdisciplinares, visando substituir, ou complementar, a internação psiquiátrica integral” (ZAVASCHI, 2009, p.44).

Se nos basearmos em Silva (2010), a nova clínica (a da Reforma Psiquiátrica) quer estabelecer outro campo de experiência e de vida para os psicóticos. E os CAPS podem ser pensados enquanto uma estratégia que leva a um campo de experiência e de vida diferenciado para os ditos loucos... Mas será que a ideia não seria construir com os psicóticos experiências de vida diferenciadas ao invés de propiciar a eles experiências pré-formuladas?

Santos (2010) parece entrar no embalo, ao questionar sobre o que as nossas práticas e intervenções, enquanto propostas Reformistas, vêm produzindo. Indaga, além disso, acerca dos modos de existência que estão ativados e daqueles que estão amortecidos no processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Provavelmente, a Revista Veja servirá de material discursivo para análise desses aspectos também. O que irá

aparecer sobre as intervenções que são realizadas embasadas na Reforma? E quanto aos modos de existência... Quais são ativados e quais são amortecidos? Como desmembrá-los, como diferenciar o ativo do quase morto? Como falar de uma existência que não é nossa?

A Reforma existe? Como? De acordo com Santos (2010), a Reforma pode ser definida como um processo múltiplo, que não se restringe às dimensões de reversão do modelo hospitalocêntrico, e sim a uma problematização do lugar social da loucura e do louco. Tal lugar, é possível, poderia ser articulado à questão levantada anteriormente sobre o lugar no campo da cidadania ocupado pelo louco. Que lugar é esse? Aparece na Revista Veja? Como?

Desviando um pouco a pergunta e ao mesmo tempo complementando o que está se discutindo, Rotelli apud Santos (2010) argumenta que a instituição contra a qual se luta não é o manicômio, mas a psiquiatria. Os CAPS foram criados, então, para substituir os manicômios, mas, principalmente, para que a visão que a psiquiatria possuía sobre a loucura, em seus primórdios, fosse substituída?

E qual é a visão que se tem hoje? Talvez essa questão seja o cerne da presente Pesquisa. Desmembrando tal núcleo, nos deparamos com Machado (2013) e sua reportagem provocadora acerca dos 240 pacientes do HPSP (Hospital Psiquiátrico São Pedro) que ainda vivem distantes das prerrogativas que a Reforma Psiquiátrica estabeleceu em 2001. E nesse momento volto à questão indagada anteriormente: a Reforma existe? E existe pra quem? Existe nas reformas, restaurações e melhorias que se faz nos prédios da instituição mencionada? Existe no *site* do governo do Estado, que descreve o HPSP como “referência em tratamento mental para 88 municípios da Região Metropolitana” (MACHADO, 2013, p.15)? Até que ponto o que se fala sobre a Reforma está sendo colocado em prática? E será que se fala muito nela? Quais os discursos que ela faz circular? Quem sabe dos princípios e do que está previsto na Lei Federal de nº 10.216, de 6 de abril de 2001 (e lei Estadual de 1992)?

Como é possível que após anos de luta antimanicomial, a Reforma ainda seja inexistente em alguns serviços, como no mencionado no parágrafo acima? É possível pensar que sem a cumplicidade da sociedade o descaso não persistiria (BRUM, 2013b).

[...] a sociedade prefere que seus indesejados sejam tirados da frente de seus olhos. Não enxergar, para muitos, ainda é solução. E esta é uma das razões pelas quais a tese do encarceramento sempre encontra ampla ressonância – e

tem sido largamente manipulada por políticos ao longo da história do Brasil, e inclusive hoje (BRUM, 2013b, p.1).

O encarcerar, no entanto, vai totalmente ao contrário do que prega a Reforma Psiquiátrica: possibilitar o exercício da cidadania e da inclusão social, tanto dos usuários, quanto de suas famílias (BRASIL apud JUCÁ, 2010). Assim, os serviços que se propõem a seguir os pressupostos do ideário reformista precisam constituir-se como uma passagem para que o usuário conquiste autonomia e construa laços fora do espaço do serviço (JUCÁ, 2010). É preciso, assim, olhar. E não fechar os olhos. Piscar apenas quando o serviço tiver possibilitado a construção de laços para além do espaço fechado.

Nos questionamentos de Brum (2013b) vemos o que poucos veem: o fato de muitos sujeitos serem encarcerados para serem calados, para que não sejam escutados no que não é apenas deles, mas de toda a sociedade. Como diz Arbex apud Brum (2013b): “O descaso diante da realidade nos transforma em prisioneiros dela” (p.1). Talvez, não sejam apenas os considerados doentes mentais que estejam encarcerados. Talvez, a sociedade ainda se encontre encarcerada em uma visão pouco ampliada em relação à loucura e à produção social que a permeia. Como permitir que a Reforma Psiquiátrica possibilite uma maior ampliação do olhar, se existe descaso em relação à própria Reforma? E o descaso faz o catavento girar e voltar a aprisionar. A encarcerar.

Encarcerar. Excluir socialmente. Scisleski (2000) solta as amarras e complementa as ideias de Brum (2013b) ao remeter-se a toda a exclusão do doente mental simbolizar um modo de a sociedade não olhar para a sua doença. Ou seja, se exclui uma doença que não é apenas do sujeito que foi internado, mas de toda a sociedade.

2.3 A mí(dia): ins(pirações), (inspira)ções, inspir(ações)

A mídia pode ser questionada como um reflexo dos discursos que circulam em relação a alguns temas, como por exemplo, a loucura? Ou, ao contrário, é a mídia que constrói “a realidade por meio da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana” (GONÇALVES, 2009, p.16)?

Esse questionamento entre o que produz e o que é produzido me fez lembrar que a mídia aparece, nas ideias de Fischer (1996), através da investigação sobre a construção da discursividade e das formas de poder e saber que a constituem. Como pensar o processo de construção dos discursos sobre a loucura na Veja? Como olhar para as formas de poder e de saber que compõem esses discursos?

Ao contemplar as questões acima, a possibilidade de jogos de poder (FISCHER, 1996) presentes nos discursos que a mídia faz circular, evidencia-se, bem como o sujeito “louco” ou o sujeito “da loucura” que está sendo construído no contemporâneo, a partir da discursividade. Importante ressaltar, porém, que de acordo com Fischer (1996), Foucault não se ocupou do tema do poder em relação aos meios de comunicação. Provavelmente, porque se ocupou do poder no interior das instituições. O poder, para fins de explicação, foi visto por Foucault como inscrito na superfície dos corpos (FISCHER, 1996).

Na superfície dos corpos... E até que ponto a mídia não incide, justamente, na superfície dos corpos? Como ela toma os sujeitos se não através do corpo, das sensações, das intensidades e de tudo aquilo que não corresponde à razão? Razão... Iluminismo... Luzes se acendem. Foucault apud Detoni (2010) ilumina dizendo que “as luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas” (p.113). Seria disciplinando os corpos que a mídia incidiria sobre eles? Na superfície dos corpos... Silveira e Furlan (2003) comentam sobre os discursos alcançarem os corpos dos sujeitos através de “[...] mecanismos gerais de dominação, de controle, submissão, docilidade, utilidade e normalização de condutas” (p.176).

Seguindo suas problematizações, Fischer (1996) não garante uma certeza, embora fale em uma verdade: a mídia é vista como produtora de uma verdade. É vista como produtora de um saber que lhe é próprio. Verdades provisórias, visto que a mídia é movimento, é giro, é embalo? Catavento.

Está ventando. Fischer (1996) acena, trazendo a proposição de que não deseja, em sua pesquisa, falar do quanto a mídia exerce um domínio sobre os sujeitos. Deseja, sim, “[...] garimpar textos, imagens, coisas ditas, visibilidades (...) aceitando a precariedade desses mesmos ditos, e ao mesmo tempo multiplicando-os relacionalmente e organizando-os em unidades provisórias” (FISCHER, 1998, p.49). Deseja falar do que se vê, do que não está por trás das páginas e das imagens. Já diz o nome da revista que

servirá de análise para a presente pesquisa: VEJA. Simplesmente veja o que há. É isso. E como se faz isso?



4 METODOLOGIA

4.1 A loucura nas Revistas Veja: o que vejo?

A escolha da Revista Veja, para análise dos discursos contemporâneos em relação à loucura, não foi em vão. Como descrito anteriormente, tal revista abarca o que circula no cotidiano, algo impossível de ser realizado com uma revista especializada em Psicologia, por exemplo. Além disso, Veja tem “[...] alto poder de repercussão” (AUGUSTI, 2005, p.80), devido a ser a “[...] revista de maior tiragem do país” (GONÇALVES, 2009, p.15), o periódico de maior circulação no Brasil, bem como a quarta maior revista do segmento no mundo⁴ (AUGUSTI, 2005). Todos esses aspectos colocam a revista Veja como a primeira opção no que diz respeito à ideia da pesquisa de abarcar os discursos do contemporâneo em relação ao que circula na sociedade e no imaginário social.

Ser, inclusive, uma revista de grande circulação (FISCHMAN e SALES, 2013) e a “[...] porta-bandeira de um conglomerado midiático de grande influência” (FISCHMAN e SALES, 2013, p.1) também justificam a escolha do periódico mencionado. A partir disso, é possível questionar: como uma revista de tamanha circulação produz ou reproduz imagens, falas e reportagens sobre a loucura?

⁴ Civita apud Maranhão (2013) mostra-se mais ousado em relação à revista que arquitetou, ao afirmar que ela não é a quarta maior revista do segmento do mundo, como comentado por Augusti (2005), e sim “[...] a segunda maior revista semanal de informações do mundo inteiro, atrás apenas da *Time*” (p.101)

Augusti (2005) argumenta, ainda, que os leitores de Veja formam a “elite” brasileira, ou seja, os sujeitos de maior nível intelectual e financeiro. Aliás, a revista auxiliaria na tomada de decisões desses sujeitos (AUGUSTI, 2005). Em relação às reportagens do periódico, o fato de pretenderem-se explicativas é uma das características evidenciadas:

A revista procura “explicar” as coisas do mundo para seus leitores e, para isso, recorre frequentemente ao “conhecimento legitimado”, por meio de vozes consideradas autorizadas (professores, especialistas em áreas específicas, universidades, institutos de pesquisa, etc.) e dados comprobatórios (índices, porcentagens, gráficos, quantidades, datas). Explicar, adiantamos, é próprio de quem julga deter um saber (NASCIMENTO apud AUGUSTI, 2005, p.80).

Vejo, a partir do que foi discutido até o momento, extremamente enriquecedora uma pesquisa sobre a loucura – fenômeno que não tem explicação, ou então que é abordado por muitas áreas do conhecimento – em uma revista que pretende explicar o que circula. Como a Veja delineará a loucura?

Entre explicações e delineamentos, argumento, não obstante, que a análise que será realizada em relação aos discursos que circulam acerca da loucura não será de explicações ou de interpretações. Isso, devido à análise do discurso buscar “[...] mais a compreensão do processo produtivo do discurso do que a interpretação do texto como um fim em si mesmo (...) parte da condição de produção do texto para interrogar sua interpretação” (CAPPELLE, MELO e GONÇALVES, 2011, p.13).

Sobre a sua constituição histórica, a Veja foi idealizada por Roberto Civita, a partir de ideia trazida dos Estados Unidos (AUGUSTI, 2005). O idealizador demorou a convencer seu pai, Victor Civita, fundador do Grupo Abril no Brasil, de que uma revista semanal ilustrada valeria esforços humanos e capitais. Convencido, por fim, Victor foi à Itália convidar Mino Carta a dirigir a revista automobilística Quatro Rodas, que se transformou na Veja. A partir disso, 14 pilotos⁵ da Veja foram construídos antes do lançamento de publicação da revista, servindo de teste ao modelo almejado e sendo o Projeto Falcão o responsável por eles (CONGRESSO, 2002). Assim, em meio à Ditadura e a censuras, a Veja foi se desenhando (AUGUSTI, 2005).

⁵ De acordo com o próprio Roberto Civita, porém, era 13 e não 14 o número de revistas número zero (CIVITA apud MARANHÃO, 2013).

Para fins de explicação, o projeto inicial da revista pretendia um periódico semanal e ilustrado. “O próprio título já pressupunha uma revista ligada às imagens” (CONGRESSO, 2002, p.6). Todavia, no final dos anos 60, as revistas com características apontadas no projeto inicial da Veja estavam em decadência. A velocidade da TV e a densidade de informações concedidas pelos jornais acabavam por ocupar o espaço das revistas semanais ilustradas, desanimando os que investiam esforços em fazer o projeto sair do papel e alcançar papéis que circulassem pelas mãos de vários leitores. Frente ao desânimo, algo animador surgiu, porém: a revista *Realidade*⁶ publicada pela editora Abril parecia continuar mantendo seus leitores, o que incentivou o investimento no projeto de Veja (CONGRESSO, 2002):

Com o êxito da Realidade, passei a achar que o país contava com um número suficiente de leitores interessados em uma revista semanal de informações. E que nós estávamos prontos para fazê-la (...) Discuti esses estudos com VC⁷, que ficou tão entusiasmado quanto eu. "Vamos embora, vamos fazer, chegou o momento" ele finalmente disse. Iniciava-se a longa gestação de Veja (CIVITA apud MARANHÃO, 2013, p.100).

Destarte, em meio a críticas diversas, em 11 de setembro de 1968, o primeiro número da Revista Veja foi publicado (CONGRESSO, 2002). Sobre a consolidação da Veja no mercado consumidor, alguns anos se passaram até efetivar-se. Em meio a incertezas iniciais, a revista acabou se consolidando como um periódico distinto de outros, pois tinha como intenção “[...] a integração de um país continental através da notícia” (CONGRESSO, 2002, p.8). Que outra revista visa integrar o Brasil a partir das reportagens que apresenta? E o que se espera dessa integração? Qual a importância dela?

Outro aspecto importante a ser destacado, remete à revista Veja ter surgido três meses antes do Ato Institucional nº5⁸, fato, este, que provocou um declínio em um início de tiragens que se mostrava animador. Não obstante, o surgimento da revista traz a possibilidade de se ouvir uma voz que não seja a dos militares (CONGRESSO, 2002).

⁶ A Revista denominada *Realidade* abordava temas que ninguém tratava, temas que eram considerados *tabu*, mas que mostravam a vida real. Por isso, o nome *Realidade* (CIVITA apud MARANHÃO, 2013).

⁷ Victor Civita.

⁸ Lei autoritária dos militares que, dentre várias arbitrariedades, propunha que renascesse a censura prévia à imprensa, interferindo, assim, na liberdade de expressão (CONGRESSO, 2002).

Que voz era essa? O que pretendia? Se era explicar, interpretar, integrar o Brasil, padronizar as ideias brasileiras, simplesmente provocar o povo a questionar, sabe-se-lá se. Sobre o período do Ato Institucional nº5, Civita apud Maranhão (2013) declara: "Foi um período de trevas. Os censores cortavam matérias inteiras, que nós substituíamos por figuras de demônios para tentar mostrar ao leitor que algo deixava de ser publicado contra nossa vontade" (p.101).

Pode-se dizer que a revista conquistou estabilidade somente em 1976, ao alcançar o número de 170 mil exemplares por semana (AUGUSTI, 2005). Em 1978, a cor passou a ser utilizada em todas as imagens da revista, o que colaborou para que se chegasse a 250 mil exemplares por semana, se nos basearmos em Augusti (2005). Sobre a cor que a Veja passou a utilizar, Guimarães (2002) declara que o vermelho se sobrepunha e ainda se sobrepõe, "[...] vinculado sobretudo à ruptura da ordem social" (p.134). O vermelho poderia, então, estar relacionado a quando a Veja refere-se aos criminosos e loucos, se voltarmos a questões já discutidas? Guimarães (2002) descreve, também, sobre a agressividade se referir à cor vermelha. Loucos e criminosos estariam atrelados ao vermelho, devido à agressividade que socialmente se atribui a eles?

Até meados dos anos 80, o foco da revista Veja era, basicamente, voltado à política. Em 1995, o chefe da Veja no Rio de Janeiro, Ancelmo Góis, já dizia que a Veja precisaria abrir mão do enfoque político e econômico, se não quisesse que sua tiragem diminuísse. Era preciso, em suma, ceder às exigências que o mercado trazia (AUGUSTI, 2005). Essa discussão parece demonstrar o quanto a revista necessitava ser aprovada pelo mercado, pelos leitores, pela sociedade, pelos valores vigentes, para continuar sendo publicada. Evidenciam-se, também, os processos e movimentos incessantes que constituem um periódico. Sem giros, ele não continua circulando. Não continua sendo publicado. É como se ele tivesse que girar com a sociedade para existir, para não ficar sem respirar. Respiros, ares, ventos, movimentam! Vejam só!

Os movimentos parecem se relacionar com o perfil de jornalistas que a revista Veja procurava quando foi lançada, e que se mantém até hoje: "Procuramos homens e mulheres inteligentes e insatisfeitos, que leiam muito, sempre perguntem 'por que' e queiram colaborar na construção do Brasil de amanhã" (CIVITA apud MARANHÃO, 2013, p.100). Como as reportagens de Veja expressam essa insatisfação e esses questionamentos inerentes a quem participa de sua constituição?

4.2 Composto uma Metodologia

Como a partir de 1992 a Reforma Psiquiátrica começou a ter traços mais definidos, devido aos movimentos sociais embalados pelo Projeto de Lei Paulo Delgado levarem à aprovação das “[...] primeiras leis que determinam a substituição progressiva dos leitos psiquiátricos por uma rede integrada de atenção à saúde mental” (BRASIL, 2005, p.8), a pesquisa utilizará revistas posteriores a tal data, buscando mapear os discursos mais recentes, tanto em relação à loucura, quanto acerca do que aparece sobre a Reforma mencionada. Assim, serão utilizadas todas as revistas do mês de maio – pensando no dia da comemoração da Luta Antimanicomial: 18/05 – dos últimos cinco anos: 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, o que resulta em vinte periódicos, dos quais dez apresentam descritores que convêm à pesquisa – “louco”, “louca”, “loucura” – resultando em quinze referências para pesquisa nos dez periódicos (ANEXO A).

Importante frisar, embora já corroborado no parágrafo acima, que os discursos serão analisados a partir da pesquisa dos descritores “louco”, “louca” e “loucura”, no acervo digital da Revista Veja. Além disso, será observada, no acervo citado, a existência, ou não, de referências à Reforma Psiquiátrica no periódico em análise.

Pretendo utilizar Michel Foucault para me auxiliar, ao longo da pesquisa, a trilhar os caminhos do meu pensar e da análise dos discursos que ganham visibilidade na Revista Veja. Para tanto, irei “trabalhar com” Foucault, como diz Fischer (1996) ao argumentar que trabalhar com tal pensador não corresponde a aplicá-lo ou a usar um determinado método de investigação. Corresponde, antes, a pensar sobre o próprio pensar, a transformar o que já se supunha pronto, a questionar e a criar!

Cappelle, Melo e Gonçalves (2011) trazem a ideia de que não há uma definição pronta e única sobre o que é a análise do discurso. Isso, porque o pensar acerca dos sentidos que estão implícitos na linguagem não traz certezas (ORLANDI apud CAPPELLE, MELO e GONÇALVES, 2011). Pode-se pensar, a partir disso, que a análise do discurso busca desvendar o que está implícito?

Fischer (1996) parece embalar suas ideias para outros giros. A estudiosa, ao analisar alguns discursos da mídia e utilizar Foucault e a Análise do discurso, afirmou que tal teoria lhe forneceu, dentro dela própria, um modo de trabalhar. Modo, esse, que não é exterior.

Esses textos não seriam realidades mudas, as quais, por um trabalho de interpretação e análise, seriam despertas, revelando sentidos escondidos, palavras talvez nunca faladas, as quais seriam orientadas por uma certa iluminação teórica definidora do que "realmente" diriam os ditos. Os textos seriam vistos na sua materialidade pura e simples de coisas ditas em determinado tempo e lugar (FISCHER, 1996, p.42).

Olha-se, então, para o dito em si, e não para o que pode haver por trás desse dito? Olha-se, então, para os discursos em relação à loucura em si, e não para o que pode haver por trás desse dito sobre a loucura? Lispector (1973) destoa, ao entoar que "Atrás do pensamento não há palavras: é se" (p.32). Não é necessário, assim, olhar para o que há atrás, ou é o atrás o que mais importa, porque é o mais sensível e intenso?

Sigo o embalo pensando no pesquisador, ou seja, no papel do pesquisador na pesquisa. Fischer (2007) refere-se ao pesquisador como aquele que transforma, antes de tudo, a si mesmo. Como aquele, aliás, que ultrapassa a si e a seu próprio pensamento. Lispector (1973) parece conversar com Fischer (2007) ao gritar: "Eu me ultrapasso" (p.26). Como ultrapassar a si? Como ir além do que se é? Como entrar em um movimento de si que gira, e girar, junto, a pesquisa? Ou será que o si e a pesquisa não são possíveis de serem desarticulados?

Por fim, a pesquisa que será realizada no acervo digital da Revista Veja possui um limitador: o fato de não ser possível utilizar duas palavras como descritor. O uso das duas palavras só é admissível na "pesquisa avançada" do acervo digital. No entanto, a pesquisa avançada apresenta o acervo de revistas somente até 2009. E, como descrito anteriormente, a presente pesquisa irá se basear em periódicos a partir de 2009, pois tem a intenção de mapear os discursos do contemporâneo. Sendo assim, optou-se por pesquisar como descritores os vocábulos "louco", "louca" e "loucura", deixando que o descritor "Reforma Psiquiátrica" seja analisado a partir da pesquisa de cada palavra que o compõe de forma separada. Possibilitando, desse modo, que se investigue se e como a Reforma Psiquiátrica é comentada na Veja.

4.3 Girando com Michel Foucault

A intenção da pesquisa a ser realizada na Revista Veja é analisar os discursos que circulam em relação à loucura, no contemporâneo. Os discursos. Foucault (2009a)

atém-se ao catavento, mostrando que “[...] não é possível admitir [...] o ‘discurso referente à loucura’” (FOUCAULT, 2009a, p.37). A multiplicidade de discursos que circula em relação à loucura e que faz a loucura circular, ao que parece, aproxima-se da ideia do autor mencionado e, ao mesmo tempo, da proposição da presente pesquisa. Isso, porque a pesquisa que se desenha também não remete a apenas um discurso referente à loucura. Rotterdam (1997) reforça tal ideia: “Tivesse eu cem línguas, cem bocas e uma voz de bronze, não poderia enumerar todas as espécies de loucos, nem todos os nomes da Loucura” (p.50).

Foucault apud Fischer (2001) diz que o discurso põe em funcionamento tanto enunciados, quanto relações. Destarte, as condições de emergência de determinados discursos em relação à loucura, no contemporâneo, colocam em funcionamento o que se diz na Veja. Esta, por sua vez, movimenta os discursos que circulam em relação à loucura, hoje.

Quanto aos enunciados serem colocados em funcionamento pelo discurso, é possível pensar neles enquanto funções que atravessam as enunciações, as quais se parecem com as reportagens da Revista Veja. Isso, porque as enunciações se articulam a um conjunto que não obedece “[...] a um modelo único de encadeamento linear” (FOUCAULT, 2008b, p.101). Assim, atrelam-se a relações constituídas na diferença. Diferença que constitui as reportagens utilizadas, bem como as relações, discursos e emergências que cada uma coloca em questão. Como não há um modelo único de encadeamento linear, também não há uma reportagem que produza agenciamentos lineares, mas enunciações que se distinguem e são atravessadas pelos enunciados, como comentado acima.

Foucault (2009b) se aproxima dos questionamentos mencionados, trazendo a ideia de que “[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (p.31). É possível pensar que, diferente do enunciado, as reportagens analisadas se esgotam. Não a partir do olhar do pesquisador, mas devido a serem uma materialidade que é publicada em determinado número, de uma determinada revista, em determinada época. São tantas determinações, que o sentido se esgota. Não é fluxo incessante, como o enunciado, embora não corresponda a um encadeamento linear e sim a irregularidades e, porque não, a descontinuidades.

Sobre as descontinuidades, lembram Foucault (2008b), quando diz que a formação discursiva evidencia “[...] um sistema regrado de diferenças e dispersões”

(p.106). Ou seja, tal formação acopla vários acontecimentos enunciativos, ressaltando, “[...] dentre os fenômenos da enunciação, as relações que até então permaneciam na sombra e não se encontravam imediatamente transcritas na superfície dos discursos” (p.106). Desse modo, a formação discursiva não descobre um segredo ou um sentido escondido. Evidencia as dispersões e descontinuidades.

Descontinuidades que, pode-se pensar, são constituídas de fluxos e fixos, visíveis e invisíveis, movimento e interrupção. Invisíveis que se articulam às relações invisíveis presentes nos fatos de discurso, as quais remetem a conjuntos discursivos que não são novos, apenas permaneceram invisíveis. Nesse sentido,

[...] essas relações invisíveis não constituiriam de forma alguma uma espécie de discurso secreto, animando do interior os discursos manifestos; portanto, não é uma interpretação que poderia fazê-las emergir, mas sim a análise de sua coexistência, de sua sucessão, de seu funcionamento mútuo, de sua determinação recíproca, de sua interpretação independente ou correlativa (FOUCAULT, 2008b, p.94).

Ao referir-se às relações de coexistência entre os enunciados, Foucault (2008b) parece fazer referência às distintas relações que compõem um enunciado, e aos atravessamentos que o enunciado realiza nas enunciações, como já descrito. Parece, também, traçar semelhanças entre a coexistência referida e a formação discursiva. Destarte, formações discursivas se aproximam dos conjuntos de enunciados, promovendo descontinuidades?

Ainda sobre as formações discursivas, é possível questioná-las a partir de Foucault (2009b), pois ao falar nas unidades do discurso, o estudioso parece compor uma compreensão das formações discursivas. Compreensão baseada em uma dispersão inicial – que é possível relacionar com a dispersão inicial das reportagens da Veja, selecionadas para análise – que leva a uma regularidade entre os objetos, tipos de enunciados e conceitos – o que parece se aproximar da categorização ou aglutinação realizada, durante a análise, entre as diferentes reportagens da Veja.

Sobre a análise a ser posteriormente realizada, pode-se pensá-la como potencializada com as noções da análise do discurso, enquanto prática discursiva? Se nos basearmos em Foucault apud Fischer (1996), a teoria precisa ser tratada como uma prática. Nesse sentido, sim. Os ventos que embalam o catavento o tomam, o levam. Os ventos que embalam o catavento denominam-se práticas discursivas. Quanto a estas últimas, para Foucault (1997), não correspondem apenas a modos de fabricação de

discursos, pois "Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm" (FOUCAULT, 1997, p.12).

O próprio Foucault (2009a) diz que não tem garantias de que os agrupamentos (ou categorizações) serão reencontrados ao final da análise, ou que as formações discursivas definirão discursos em sua unidade global. Ao que parece, a Análise do Discurso foucaultiana não tem a pretensão de fazer um apanhado geral dos discursos, por isso, não abarca métodos rígidos e sim apresenta instrumentos a serem reinventados a cada nova pesquisa. Nesse sentido, Foucault (2009a) fala no perigo – e, pode-se pensar, na ousadia da metodologia citada – uma vez que ela se aproxima do fato de, ao invés de o pesquisador completar o círculo ou concluir com sua análise que tudo se salvou, percebe que é, e que todos os que se lançam a pesquisar com um viés da análise do discurso são, “[...] obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrynhado e na direção de um final que não é fácil prever” (FOUCAULT, 2009a, p.44).

5 QUADROS DE ANÁLISE: SETAS ROTATÓRIAS E RESPINGOS DE TINTA

Para que serve um quadro? Para causar desconforto? Para fazer pensar? Para explicar algo? Para conceder sentido a quem o admira? Para confundir o admirador? Para emoldurar algo? Para propiciar maior visão a determinado aspecto? Para focar o nosso olhar? Para não provocar absolutamente nada? Para o fato de não provocar levar à provocação? Para que serve um quadro?

Talvez ele não sirva. Talvez ele mostre um tracejar que orienta, por mais que os respingos de tinta de Michel Foucault não concedam setas. Ir em frente? Dobrar à direita? À esquerda? Voltar? Fazer a rótula? Veiga-Neto (2007) parece sair do carro. Não para indicar o caminho a se seguir, mas para advertir que, conforme Foucault: “[...] não existe o caminho, nem mesmo um lugar aonde chegar e que possa ser dado antecipadamente. Isso não significa que não se chegue a muitos lugares” (p.16). Talvez, os quadros que serão apresentados a seguir, embalados pelas análises de cada reportagem (ANEXO B), delineiem um esboço de lugares a que se chegou a partir de tais análises.

Lugares que foram encontrados a partir das contribuições de Foucault, tomadas enquanto ferramentas, enquanto “[...] um instrumento, uma tática, um coquetel motolov, fogos de artifício a serem carbonizados depois do uso” (FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2007, p.17)? Será? Será tão fácil carbonizar os fogos de artifício após utilizá-los? Ou nos resta produzir algo com o brilho dos fogos de artifício, que refletia traços ao estar no céu?

Traços apanhados e redesenhados parecem se tornar evidentes nos quadros a seguir. Lugares que foram encontrados sem um método rígido, mas com método, se este

for entendido como “[...] uma certa forma de interrogação e um conjunto de estratégias analíticas de descrição” (LARROSA apud VEIGA-NETO, 2007, p.17). Perguntas. Se os quadros adotam uma perspectiva foucaultiana? Se não partirmos de conceitos, ou tentarmos atingir conceitos estáveis e seguros, e sim, perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam ou acontecem para, a partir disso, ensaiarmos alternativas que possibilitem às coisas funcionarem ou acontecerem de outros modos (VEIGA-NETO, 2007). Sim, adotam.

Quadros. Apresentam-se, abaixo, em suas cores, palavras, informações, respingos, títulos, datas. Apresentam-se como algo que já fora tracejado e pensado, intuindo sintetizar a análise que será desenhada adiante. No entanto, se utilizarmos a imagem de um quadro de pintura para problematizar os quadros de análise, o quadro de pintura não se movimenta visivelmente. Ele é pintado e fica assim, sem se transformar a olhos vistos. Ao que parece, o mesmo acontece com os quadros de análise. Porém, o quadro, seja pintado ou de análise, será remodelado, modificado a cada olhar que se volte para ele.

Quadro a partir dos respingos da primeira reportagem

Revista do dia 06/05/2009

Edição 2111 – ano 42 – nº18 – Um descritor “loucura”

Título da Reportagem: “Longe de Adalgisa, eu choro”

Autora: Sandra Brasil; Jornalista; Repórter e Subeditora na Editora Abril - Revista VEJA; Repórter na Folha de S.Paulo.

Seção da Revista: Conversa

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Entrevista com o senador Mão Santa, o qual bateu o recorde de discursos no senado.

Trecho em que o descritor aparece: “De onde o senhor tira ideias para seus pronunciamentos? Recebo uma **loucura** de e-mails de médicos, professores e aposentados. Sou a voz deles”.

Quadro a partir dos respingos da segunda reportagem

Revista do dia 13/05/2009

Edição 2112 – ano 42 – nº19 – Um descritor “loucura”

Título da Reportagem: “Quando o amor de pai já não basta”

Autora: Adriana Dias Lopes; Jornalista e uma das Editoras da Revista Veja.

Seção da Revista: Saúde

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Reportagem a partir de conversa com Pete Early, pai de um portador de Transtorno Bipolar.

Trecho em que o descritor aparece: “O escritor americano Pete Early, de 57 anos, é especialista no sistema judiciário de seu país. De seus doze livros, o último é inspirado em uma experiência pessoal. Recém-lançado no Brasil, *Loucura, a Busca de um Pai pelo Insano Sistema de Saúde* (Artmed, 375 páginas) traz a história de seu filho Mike, portador de Transtorno Bipolar”.

Quadro a partir dos respingos da terceira reportagem

Revista do dia 13/05/2009

Edição 2112 – ano 42 – nº19 – Um descritor “louco”

Título da Reportagem: “Quando o amor de pai já não basta”

Autora: Adriana Dias Lopes; Jornalista e uma das Editoras da Revista Veja.

Seção da Revista: Saúde

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Reportagem a partir de conversa com Pete Early, pai de um portador de Transtorno Bipolar.

Trecho em que o descritor aparece: “[...] Mike foi a mais duas consultas psiquiátricas, mas depois desistiu. Disse que não era **louco** e que apenas precisava se alimentar melhor”.

Quadro a partir dos respingos da quarta reportagem

Revista do dia 13/05/2009

Edição 2112 – ano 42 – nº19 – Um descritor “louco”

Título da Reportagem: “Chuteiras que valem ouro”

Autora: Kalleo Coura; Jornalista e Repórter da Revista Veja, diretamente do Recife.

Seção da Revista: Especial

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Reportagem sobre como o futebol é um negócio rentável para jogadores e clubes, mas também para empresários e investidores, devido à possibilidade de se vender atletas.

Trecho em que o descritor aparece: “Um dos homens mais ricos da Ucrânia, o deputado e empresário Rinat Akhmetov, de 42 anos, tem uma fortuna estimada em 1,8 bilhão de dólares e duas paixões: é **louco** por futebol e fanático pelo estilo brasileiro de jogar”.

Quadro a partir dos respingos da quinta reportagem

Revista do dia 13/05/2009

Edição 2112 – ano 42 – nº19 – Um descritor “louco”

Título da Reportagem: “Agora ele quer ir ao espaço”

Autor: Ronaldo França; Jornalista; Editor da Revista Veja.

Seção da Revista: Perfil

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Reportagem sobre o tricampeão de F1 Niki Lauda, o qual está se preparando para pilotar o ônibus espacial.

Trecho em que o descritor aparece: “Embora **louco** por riscos, Lauda sempre foi um calculista. Mesmo a 300 quilômetros por hora”.

Quadro a partir dos respingos da sexta reportagem

Revista do dia 27/05/2009

Edição 2114 – ano 42 – nº21 – Um descritor “loucura”

Título da Reportagem: “Querido, aumentei a salada”

Autoras: Bel Moherdaui (repórter da Revista Veja); Juliana Linhares (Jornalista e Editora da Revista Veja), Silvia Rogar (Jornalista, possui pós graduação em jornalismo de moda e é Repórter da Veja do Rio de Janeiro) e Suzana Villaverde

Seção da Revista: Especial Mulher

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Como eles [homens] sobrevivem ao regime delas [mulheres].

Trecho em que o descritor aparece: “É uma **loucura** quando ela me arrasta para a médica. Parece que é doutora também, falando em pé de igualdade sobre metabolismo, célula de gordura, glicose e tal””.

Quadro a partir dos respingos da sétima reportagem

Revista do dia 27/05/2009

Edição 2114 – ano 42 – nº21 – Dois descritores “loucura”

Título da Reportagem: “Exagero faz mal à saúde”

Autoras: Bel Moherdaui (repórter da Revista Veja); Juliana Linhares (Jornalista e Editora da Revista Veja), Silvia Rogar (Jornalista, possui pós graduação em jornalismo de moda e é Repórter da Veja do Rio de Janeiro) e Suzana Villaverde

Seção da Revista: Especial Mulher

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Mitos mais frequentes sobre dieta e nutrição.

Trecho em que o descritor aparece: “Em meados dos anos 80, a americana Judy Mazel criou a Dieta de Beverly Hills, regime para emagrecer feito com frutas, sobretudo abacaxi. O consumo de leite e derivados era proibido e o de proteínas, muito limitado. Ou seja, uma **loucura** que volta e meia ressurge”.

Quadro a partir dos respingos da oitava reportagem

Revista do dia 19/05/2010

Edição 2165 – ano 43 – nº20 – Um descritor “louco”

Título da Reportagem: “Disco”

Autores: Não especificado.

Seção da Revista: Veja recomenda

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Seção em que Veja recomenda livros, DVD's, discos e outros.

Trecho em que o descritor aparece: “T-Bone Burnett, ganhador do Oscar deste ano pela canção do filme *Coração Louco*, Burnett recrutou profissionais de respeito”.

Quadro a partir dos respingos da nona reportagem

Revista do dia 26/05/2010

Edição 2166 – ano 43 – nº21 – Um descritor “louca”

Título da Reportagem: “As razões do mal”

Autores: Ronaldo Soares e Roberta de Abreu Lima.

Seção da Revista: Especial

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Procuradora acusada de torturar menina é abordada na reportagem, bem como uma entrevista com a Procuradora é realizada.

Trecho em que o descritor aparece: “Adoro crianças. Não faria sentido nenhum torturar uma menina que cuidaria de mim na velhice, certo? Só se eu fosse **louca**”.

Quadro a partir dos respingos da décima reportagem

Revista do dia 09/05/2012

Edição 2268 – ano 45 – nº19 – Dois descritores “loucura”

Título da Reportagem: “A morte pede passagem”

Autora: Adriana Dias Lopes; Jornalista e uma das Editoras da Revista Veja.

Seção da Revista: Cidades

A que se refere a seção em que o descritor aparece? A tragédia dos acidentes com moto.

Trecho em que o descritor aparece: “Longe da **loucura**: “Fui motoboy durante treze anos. Há quatro não sou mais. Cheguei a trabalhar dezesseis horas por dia [...] Testemunhava três acidentes por dia com motoboys, na maioria fatais. Hoje ganho menos, mas estou longe dessa **loucura** absurda e perigosa””.

Quadro a partir dos respingos da décima primeira reportagem

Revista do dia 16/05/2012

Edição 2269 – ano 45 – nº20 – Um descritor “loucura”

Título da Reportagem: “Leitor”

Autor: Leitor de São Gabriel da Palha, ES.

Seção da Revista: Leitor

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Comentário enviado por um leitor, à revista Veja, acerca da reportagem da edição anterior sobre acidente com motos.

Trecho em que o descritor aparece: “Aqui em São Gabriel da Palha, cidade com 31 000 habitantes, não é diferente do que informou a reportagem de VEJA. Nossos fins de semana são uma **loucura** dentro dos hospitais da região, que recebem jovens gravemente acidentados com motos”.

Quadro a partir dos respingos da décima segunda reportagem

Revista do dia 30/05/2012

Edição 2271 – ano 45 – nº22 – Um descritor “louco”

Título da Reportagem: “Ele esteve no olho do furacão”

Autor: Fábio Altman; Jornalista, organizador do livro “A Arte da Entrevista” e é um dos redatores-chefe da Revista Veja.

Seção da Revista: Especial

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Reportagem sobre Eduardo Saverin, cofundador do facebook, acerca dos detalhes dos primórdios da rede social, da ficção que permeia o filme baseado na origem da empresa e do desejo que Eduardo possui de investir no Brasil.

Trecho em que o descritor aparece: “Hoje tenho investido como **louco**”.

Quadro a partir dos respingos da décima terceira reportagem

Revista do dia 08/05/2013

Edição 2320 – ano 46 – nº19 – Um descritor “louca”

Título da Reportagem: “Livros”

Autora: Kátia Perin; Editora-chefe da veja.com

Seção da Revista: Blogosfera

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Comentário de Paula Pimenta, colunista, sobre séries literárias.

Trecho em que o descritor aparece: “Sou **louca** por séries literárias. É bom saber, após ler um livro e ter a maior empatia com os personagens, que a história não terminou ali”.

Quadro a partir dos respingos da décima quarta reportagem

Revista do dia 08/05/2013

Edição 2320 – ano 46 – nº19 – Um descritor “louca”

Título da Reportagem: “A escola de moças más”

Autoras: Juliana Linhares (Jornalista e Editora da Revista Veja) e Marília Leoni (estagiária de Jornalismo da Revista Veja).

Seção da Revista: Gente

A que se refere a seção em que o descritor aparece? Nota sobre Miley Cyrus e outras cantoras que se tornaram más em algum momento da carreira.

Trecho em que o descritor aparece: “Quem tem filha adolescente se lembra de como ela era **louca** por Miley Cyrus, 20. Espécie de princesinha da Disney, Miley não só cresceu como enveredou pelo caminho das garotas malcomportadas”.

Quadro a partir dos respingos da décima quinta reportagem

Revista do dia 15/05/2013

Edição 2321 – ano 46 – nº20 – Um descritor “louco”

Título da Reportagem: “Não bastou escapar do inferno”

Autora: Thais Oyama; Jornalista e uma das redatoras- chefe da Revista Veja.

Seção da Revista: Especial

A que se refere a seção em que o descritor aparece? O choque dos refugiados da Coreia do Norte ao chegarem ao mundo livre.

Trecho em que o descritor aparece: “Por mais que Kim Jong-un se faça de **louco**, não é capaz de acreditar nas próprias mentiras. Ele sabe, assim como seus generais, que, na eventualidade de as Coreias se juntarem, o norte será absorvido pelo sul [...]”.

6 E A ANÁLISE... FAZ O CATAVENTO CAMALEÃO! COLORE-SE, EMBALADO PELOS RESPINGOS DE TINTA

Muitas cores compõem o catavento, pintado a partir dos atravessamentos explanados nos quadros acima. Gira tão rápido, que por vezes suas cores se misturam e o tornam branco, possibilitando que outras cores – outros escritos, outras obras, outras artes, outros entendimentos – sejam produzidas no branco que o faz alçar voo. Sim. Gira tão rápido, que sai do chão.

Dez cores. Dez revistas. Dez discursos? Dez fluxos? Incontáveis possibilidades de análise. Incontáveis possibilidades de se analisar os três descritores selecionados. Louco. Louca. Loucura. Pelbart (2004) faz uma distinção entre louco – ou louca, pode-se acrescentar – e loucura. Expõe que entende o louco como um “[...] personagem social discriminado, excluído e recluso” (p.133), ao passo que a loucura é compreendida pelo estudioso como “[...] uma dimensão essencial de nossa cultura: a estranheza, a ameaça [...] aquilo que uma civilização enxerga como o seu limite, o seu contrário, o seu outro, o seu além” (p.133). Concepções jogadas ao catavento, para que ele inicie seus giros já embalados por outros ventos.

O vento está cortante, de tão gelado. Mas não corta a articulação possível de ser feita em relação às distinções entre louco e loucura. Pois bem. Pelbart (2004) não congela com o vento, faz o catavento mudar de temperatura, esquenta, intensifica. Acaba por firmar-se na discussão sobre a desrazão. Encarnar a desrazão? O louco nem sempre foi incumbido de tal ato. A desrazão que Pelbart (2004) aponta parece se aproximar da desterritorialização, o que o autor demonstra ser um potencial que poderá ser esvaziado, caso os loucos não sejam mais olhados em sua diferença, e sim iguais a todos os outros seres humanos. Como

o autor citado questiona: “[...] será que a libertação do louco não corresponde, no fundo, a uma estratégia política de homogeneização do social?” (p.133). Será?

Pelbart (2004) parece tomar como ideia central em suas problemáticas o fato de que não basta acabar com os manicômios, enquanto mantermos intocável o manicômio mental, no qual confinamos a desrazão. Para Foucault (apud PELBART, 2004), no mesmo século em que se decidiu enclausurar os loucos, Descartes trouxe em discussão a incompatibilidade existente entre loucura e pensamento. Assim, “Enquanto a cidade trancafiava os desarrazoados, o pensamento racional trancafiava a desrazão” (p.135). A Casa Verde⁹ trancafiava o diferente, o manso, o furioso, o monomaníaco, o louco por amor (ASSIS, 1998). Desse modo, como libertar o pensamento da racionalidade que aprisiona? Como recusar-se ao “império da razão” (p.135)?

A análise que prossegue, de certo modo, toma como norte a ideia de Pelbart (2004): “É preciso desmontar esta irracionalidade, é preciso deixar nosso pensamento ser invadido pela desrazão – o que não significa optar pela irracionalidade, que não passa de uma razão camuflada” (p.135). Talvez, o exercício seja justamente esse: encontrar um entre, uma escrita que não mergulhe na razão, mas que também não se afogue na irracionalidade. Se será uma loucura? Se será louco? Procurarei deixar meu pensamento invadir-se pela desrazão... Nesse sentido sem sentido, o que será será.

6.1 “Desfazer o normal, há de ser uma norma” (BARROS, 2006, s/p)

- A loucura exagerada

Tomemos a reportagem do periódico mais antigo utilizado na pesquisa, que tem como trecho “*De onde o senhor tira ideias para seus pronunciamentos? Recebo uma loucura de e-mails de médicos, professores e aposentados. Sou a voz deles*”. A loucura, nesse excerto, parece atrelada a algo fora dos padrões. A um escape às estatísticas. A um exagero. A algo que foge a uma curva supostamente normal?

A curva normal faz lembrar a Estatística. A curva normal tem como parâmetros a média e o desvio padrão. O exagero de e-mails recebido remete a um desvio da curva

⁹ Alusão à casa construída por Simão Bacamarte, na cidade de Itaguaí, para alojar os supostamente loucos. Enredo da obra “O Alienista”, de Machado de Assis.

normal? Ou a um desvio padrão, o qual alude à dispersão e à variabilidade (CALLEGARI-JACQUES, 2007)? Seria possível pensar, a partir disso, que o “normal” tem relação com a dispersão e a variabilidade? Ou é o desviante que se coloca em relação ao que dispersa e pode variar?

Ainda que o objetivo, na análise que se desenrola, não seja chegar às origens, ou, mais especificamente, às origens da ideia de exagero atrelado à loucura, pois o que nos interessa “[...] Não é o retorno ao próprio segredo da origem; é a descrição sistemática de um discurso-objeto” (FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2007, p.47), parece importante ampliar o olhar sobre a proposição do excesso articulado à loucura. Excesso de e-mails, de dietas, de investimentos, enquanto alguns aspectos evidenciados na Veja. Excesso que leva a girar com Collin (2012a), quando fala: “No final do século XIX, a noção de que a doença mental era diferente em intensidade – e não em espécie – do sofrimento psicológico passou a ser aceita” (p.150). Como distinguir um sofrimento psicológico intenso e um menos intenso? Como a intensidade de um sofrimento pode transformá-lo em doença mental? Em loucura?

Em contraposição à ideia de excesso, Canguilhem (2000) argumenta que o normal está atrelado à regra, ao regular, ao que não se inclina para nenhum lado, ao “[...] que é como deve ser” (p.95). E como deve ser? Não pode ser fora dos padrões? De quais padrões está se falando? A noção de loucura evidenciada na reportagem de Mão Santa sobre o exagero de e-mails recebidos, atrelada às ideias de normal e de loucura discutidas, porém, parece armar uma barreira entre as duas noções, o que vai contra a ideia de Phillips (2008) sobre as distinções entre sãos e loucos não serem totalmente convincentes, uma vez que há coisas em comum entre ambos. Freud (2006) parece intensificar o giro do catavento, ao falar no cuidado que deve ser tomado ao se “[...] julgar o normal inteiramente pelos padrões do patológico” (p.149).

Olhando para as reportagens selecionadas para análise, fica a sensação de que a palavra “loucura” torna-se um tanto banalizada ao ser referida em materiais discursivos como a Veja. Banalizada, pois não é encarada do ponto de vista da saúde ou da Reforma Psiquiátrica. Mas será que apenas a saúde e a Reforma Psiquiátrica podem falar da loucura com propriedade? No periódico em questão, a loucura é encarada através de distintos discursos que a tomam como sinônimo de exagero: “*É uma loucura quando ela me arrasta para a médica. Parece que é doutora também, falando em pé de igualdade sobre metabolismo, célula de gordura, glicose e tal*”; “*Hoje tenho investido*

como **louco**”; “Em meados dos anos 80, a americana Judy Mazel criou a Dieta de Beverly Hills, regime para emagrecer feito com frutas, sobretudo abacaxi. O consumo de leite e derivados era proibido e o de proteínas, muito limitado. Ou seja, uma **loucura** que volta e meia ressurgue” e a reportagem de Mão Santa sobre a quantidade de e-mails que recebe, já descrita.

Se voltarmos à Idade Média e a determinado período do Renascimento, o louco correspondia a um doente ignorado e preso a significações religiosas e mágicas (FOUCAULT, 2000). Ou seja, o louco não era considerado um doente enquanto patologia, com necessidade de tratamento e cura. A loucura era um fato cotidiano, embora destoasse do cotidiano quando adquiria formas perigosas e, de algum modo, quando desacomodava ou incomodava o que se tomava como padrão de conduta, de portar-se, de existir. Percebe-se, nesses períodos em que a loucura era excluída apenas quando se tornava perigosa, que o exagero de alguma atitude, o extrapolar algum ato, a desmesura de um gesto, era considerado loucura. Como o exagero presente nas reportagens aludidas?

O catavento extrapola a si, tomado pela ideia de loucura como excesso. Movimenta-se ligeiro, rodopia ao encontro da sanidade. Se a encontra? Phillips (2008) faz os giros abrandarem, ao trazer a ideia de os antipsiquiatras considerarem as versões relacionadas à sanidade como imagens de como as pessoas devem ser, o que não leva em conta a complexidade que constitui cada sujeito. A loucura, ao contrário disso, consideraria a complexidade e romperia com um padrão de “como ser”. Ao que parece, aproximar-se-ia de um “seja como quiser”. Não obstante, até que ponto, ao considerarmos a loucura de acordo com o descrito, não caímos em um buraco que esquece o sofrimento que envolve – ou pode envolver – o sujeito louco? Enfim, esse “seja como quiser” nem sempre está atrelado à liberdade. Muitas vezes, a loucura pode envolver o sujeito de tal maneira, que acaba por ser um impeditivo a outras possibilidades, como acontece com o padrão que impõe como se deve ser.

O “deve ser” parece se aproximar da reportagem descrita acima sobre o exagero referente a algumas dietas. As dietas são buscadas para que se chegue a um “como se deve ser”? E o catavento, deve ser? O como ele deve ser é sinônimo de saúde? Como encará-lo a partir da complexidade que lhe é inerente? A loucura propicia um olhar para tal complexidade? E o exagero? E as dietas? E a antipsiquiatria mencionada no parágrafo acima?

O que estava sendo chamado de loucura era, para os antipsiquiatras [...] o retorno de todas as complexidades, todas as emergências e nuances nas pessoas que a chamada sanidade (e aparentemente a profissão psiquiátrica) queria excluir. A luta dos antipsiquiatras dizia respeito nada menos que à definição do que se compreendia por seres humanos. Era como se tivesse havido um estreitamento da concepção de identidade, e o nome desse estreitamento – que parecia aos antipsiquiatras tão agressivo e coercitivo – era sanidade. Não era normal ser normal, insistiam eles (PHILLIPS, 2008, p.22-23).

Há como distinguir saúde e loucura se nos voltarmos, por exemplo, para a reportagem sobre as dietas? Phillips (2008) parece seguir o movimento do catavento e mostrar que não há como. Isso, porque argumenta que para os antipsiquiatras, a sanidade extremada fazia crer que se era cúmplice do que havia de mais desumanizador e embotador na cultura. Assim, “A loucura era uma resposta autêntica para os horrores da vida contemporânea; ser são num mundo como este era estar fora de contato com a realidade” (PHILLIPS, 2008, p.24). Fora. Além dos limites possíveis de se manter contato com a realidade. Além. Além que parece assemelhar-se ao exagero relacionado à loucura. Estaria, aqui, a sanidade atravessada pelo exagero? Oposições à parte, ventos que colidem. Para fazerem redemoinho. Catavento agradece.

Explanadas em pinceladas na análise que se desenrolou até o momento, as reportagens da Revista Veja que tratam do exagero articulado à loucura mostram a loucura em um lugar de algo descomedido, exagerado. Se lembrarmos da contextualização histórica presente no início da presente Monografia, determinado momento do Renascimento foi caracterizado pelo antropocentrismo, bem como pela valorização do homem enquanto um ser racional (MENDES, LEWGOY e SILVEIRA, 2008). Investir exageradamente, como discutido em uma das reportagens, remontaria à racionalidade nos negócios? Racionalidade que era valorizada no Renascimento... Mas hoje não acontece o mesmo, se olharmos para a enunciação mencionada? Afinal, Eduardo Saverin é valorizado em sua racionalidade. Toda a valorização do ser racional, desse modo, propiciou ao pensamento irracional irradiar-se, e com ele, o comportamento que não segue as normas pré-estabelecidas. Ao que parece, a loucura emerge em um momento em que há condições para tal. E emerge enquanto algo que desvia das normas pré-estabelecidas. Desvia da curva normal? Da normalidade? O descomedido e o exagero, que aparecem articulados à loucura em algumas reportagens analisadas, parecem atrelar-se, justamente, ao que desvia da normalidade, das normas.

Além disso, não foram originados em tal momento – buscar a origem não é a ideia, como já discutido – mas indicam resquícios e emergências históricas que foram construindo alguns discursos em relação à loucura, bem como alguns sentidos ao discurso visto como irracional.

6.2 “Me deram um nome e me alienaram de mim” (LISPECTOR, 1991, p.21)

- A loucura negada

Uma das reportagens a ser analisada apresenta dois descritores em seu íterim: “[...] **Loucura**, a Busca de um Pai pelo Insano Sistema de Saúde [...]” e “[...] Disse que não era **louco** e que apenas precisava se alimentar melhor”. O primeiro descritor remete à loucura enquanto busca. Foucault (2010c) já dizia que os loucos eram colocados nas naus para serem purificados através da água, ou seja, havia busca, embora não dos próprios loucos e sim dos que os depositavam nas barcas. O segundo descritor atrela a saúde apenas ao físico e parece, ainda, negar a loucura. Tal negação pode ser relacionada à intolerância que a sociedade passou a ter com os loucos, a partir do início da industrialização (FOUCAULT, 2010b), no sentido de a loucura passar a ser negada do meio social, pois as internações surgem frente a tal intolerância, e surgem baseadas em critérios morais (FISCHER, 2012). Por outro lado, a intolerância parece ter enfatizado a loucura, pois esta provocou tanto incômodo, que as internações apareceram.

O louco, assim, passa a ser aquele que é internado, o que respinga no segundo descritor referido, pois este traz a ideia de que não se quer ser louco. Sobre a necessidade de não ser louco, presente na reportagem, se louco remete à internação e à doença, conforme resquícios de emergências históricas descritas, quem iria querer estar em tal posição? Mais tarde, em meados do século XVIII, o discurso médico passou a classificar a loucura e a identificá-la “[...] como um fenômeno que se passa dentro do próprio sujeito” (FISCHER, 2012, p.58). Frente a isso, a patologização mostra as caras e a loucura passa a ser vista como doença e algo a ser tratado e corrigido pela ciência. Sobre o tratar o corpo, evidencia-se no descritor aludido, através de uma melhora na alimentação, que pode levar à saúde, ou seja, o que Mike – rapaz da reportagem, que diz que não é louco – precisa para se sentir melhor parece apenas atrelado ao físico.

Como se o físico “em forma” fosse sinônimo de não loucura. Como se o físico “mal alimentado” fosse sinônimo de loucura. A separação entre o corpo e a mente, evidenciada no trecho da reportagem, parece se aproximar da separação entre corpo e mente corroborada por Descartes (apud COLLIN et al, 2012b): “[...] a mente imaterial, ou “alma” [...] faz o seu trabalho de pensar, instalada na glândula pineal do cérebro, enquanto o corpo é uma máquina operada por “espíritos animais”, ou fluidos, que percorrem o sistema nervoso, provocando os movimentos” (p.20). Interessante pensar que Descartes procurava um lugar para a mente. Ao não encontrar um lugar visível, atribuía à glândula pineal tal função. Até que ponto não concedia à mente uma lógica semelhante à do corpo, ou seja, a lógica dos fluidos que levam ao movimento, uma lógica de causa e efeito?

Louco, no segundo descritor, parece generalizado. Parece contrário à ideia de Duarte-Junior (1987b) sobre o objeto de estudo das Ciências Humanas referir-se ao ser humano, ser que não é universal, constante ou previsível. Como generalizá-lo, então? Como afirmar-se “não louco”? Diferente da natureza das Ciências Naturais, o homem “[...] está sempre além dos limitados instrumentos que a ciência nos fornece” (DUARTE-JUNIOR, 1987b, p.24).

O diagnosticar alguém como bipolar, esquizofrênico etc. Ou, mais especificamente, o diagnóstico psiquiátrico, é questionado por Laing (apud COLLIN, 2012a), que faz o catavento se aproximar dos exames e testes realizados nos modelos médicos tradicionais, exames que não são seguidos no diagnóstico de desordens mentais, pois o diagnóstico psiquiátrico é baseado em comportamento. Frente a isso, como diagnosticar a loucura? Como diagnosticar o comportamento, algo que não é estático e sim processo? Como Mike, personagem da reportagem, pode se dizer louco ou não louco? E porque a necessidade de se classificar de um ou de outro modo? Como o homem, retratado acima por Duarte-Junior (1987b), o comportamento também não é constante, universal.

Ao falar em comportamento, Lewin (apud COLLIN, 2012c) discorre que tal fenômeno não resulta apenas do indivíduo, e sim do indivíduo e do ambiente. É possível, aliás, ampliarmos tal ideia e nos lembrarmos da Clínica Ampliada, já referida anteriormente, e que remete a uma ampliação do olhar sobre o sujeito e, pode-se pensar, sobre o comportamento. Remete, ainda, ao sujeito enquanto complexidade. Martín-Baró (apud COLLIN, 2012d) conduz o catavento a piruetas, ao expor acerca dos problemas

de saúde mental que aparecem em alguns contextos serem “[...] reflexo da história local, bem como do ambiente social e político em questão” (p.257). O ser louco de que Mike fala pode ser pensado, portanto, para além de uma fala do próprio Mike. É um discurso que reflete a história local, bem como o ambiente social e político atuais, como aludido acima.

A loucura negada discutida no presente tópico parece se articular, ainda, à loucura enquanto desentendimento e alienação, como presente no seguinte excerto: *“Por mais que Kim Jong-un se faça de **louco**, não é capaz de acreditar nas próprias mentiras. Ele sabe, assim como seus generais, que, na eventualidade de as Coreias se juntarem, o norte será absorvido pelo sul [...]”*. Fazer-se de louco é fazer-se de desentendido, fazer-se daquele que não sabe, de acordo com a enunciação referida. Assim, pode-se pensar que além de louco remeter à internação, também se aproxima de “não saber”. Não saber enquanto aspecto que parece reforçar o fato de Mike, da outra reportagem, não querer ser louco. Se ser louco é estar alienado ou “não saber”, quem iria querer ser louco?

6.3 PATHOS: paixão – saúde ou doença?

- A loucura e o fanatismo

Outra reportagem que traz ventos ao catavento e o faz girar de outros modos: *“Um dos homens mais ricos da Ucrânia, o deputado e empresário Rinat Akhmetov, de 42 anos, tem uma fortuna estimada em 1,8 bilhão de dólares e duas paixões: é **louco** por futebol e fanático pelo estilo brasileiro de jogar”*. O recorte da reportagem corta o catavento e o faz aventurar-se a voar assustado. Isso porque, ao que parece, a loucura se mostra antes do descritor “louco” em si: a fortuna que quem se envolve em futebol acumula em comparação a outras instâncias sociais é uma “loucura”, demonstra a irracionalidade presente no mundo, como comentado por Duarte Junior (1987a).

Além disso, o ser louco por futebol atrela-se a um fanatismo, bem como à intensidade do sentimento, o que parece se relacionar às ideias de Phillips (2008) quando diz que, embora tanto a loucura quanto a sanidade estejam prenhes de sentidos, “A sanidade modera onde a loucura excede” (p.21). Excede no sentido de exceder,

ultrapassar um limite. Excele no sentido de exagero, de fora dos padrões, o que permite estabelecer um paralelo entre essa reportagem e outras já referidas anteriormente sobre exagero.

O fanatismo, presente na reportagem que trata do futebol, aparece também na reportagem sobre o tricampeão de F1 Niki Lauda: “*Embora **louco** por riscos, Lauda sempre foi um calculista. Mesmo a 300 quilômetros por hora*”; na fala de Paula Pimenta: “*Sou **louca** por séries literárias. É bom saber, após ler um livro e ter a maior empatia com os personagens, que a história não terminou ali*”; e em outra descrição: “*Quem tem filha adolescente se lembra de como ela era **louca** por Miley Cyrus, 20. Espécie de princesinha da Disney, Miley não só cresceu como enveredou pelo caminho das garotas malcomportadas*”.

Como descrito no início do presente trabalho, enquanto o sábio é guiado pela razão, o louco é guiado pelas paixões (ROTTERDAM, 1997). A partir disso, pode-se pensar nas paixões articuladas ao fanatismo presente em algumas reportagens. Como refere Rotterdam (1997), Júpiter deu aos homens mais paixões do que razão, para que a vida não se tornasse enfadonha. Ou seja, “(...) relegou essa razão a um cantinho da cabeça, abandonando às paixões o corpo inteirinho” (p.19). Ao que parece, como a paixão, o fanatismo também toma o corpo todo, permitindo maior encanto à vida, pois, como diz Rotterdam (1997), sem loucura – e pode-se pensar, sem paixões – não há encanto na vida.

Por outro lado, *pathos* é visto por Gurfinkel apud Ferraz (2011) como paixão e também doença. Seriam paixão e doença equivalentes? Doença porque é exagero, é fora dos padrões, é fanatismo? Ou porque é a paixão que guia o louco (ROTTERDAM, 1997), como referido no parágrafo anterior, bem como o louco é visto como doente e, portanto, a doença é vista como paixão? Talvez, as ideias não sejam tão equivalentes assim. Talvez, as ideias escapem umas das outras, façam redemoinho. Catavento. Se saúde ou se doença? Há como definir *pathos* ou paixão, algo da ordem das intensidades?

6.4 “Será que a polícia me pega? Me pega porque existo?” (LISPECTOR, 1991, p.58)

- A periculosidade da loucura

Continuando a análise das reportagens da Revista Veja, uma delas apresenta a seguinte enunciação: *“Adoro crianças. Não faria sentido nenhum torturar uma menina que cuidaria de mim na velhice, certo? Só se eu fosse **louca**”*. A loucura, nesse excerto, aparece enquanto violência, tortura. Só quem é louco torturaria uma menina, só quem é louco veria sentido nisso, pois na reportagem a loucura atrela-se à irracionalidade.

Voltando às internações – mencionadas anteriormente como reflexo da intolerância social em relação à loucura – elas possibilitaram aos supostamente loucos dividirem espaços com criminosos, o que levou a loucura a estabelecer um parentesco com as culpas morais e sociais (FOUCAULT, 2000). Parentesco que ainda não foi rompido, se olharmos para a enunciação em análise. Bezerra (2013) argumenta que não há como fazer uma divisão entre loucura e criminalidade, o que também complementa a discussão e é reforçado pelo excerto da Veja.

Na contextualização da loucura, descrita no início do presente trabalho, aponte a suposta confusão que Foucault (2010d) explanava sobre não haver diferenças na internação em asilos ou em prisões. Ou seja, prisões e asilos eram equivalentes. Se atentarmos para a reportagem mencionada, os discursos que circulam, no contemporâneo, em relação à loucura, confundem loucura e periculosidade.

A leitura de Scisleski (2000), já referida anteriormente, faz pensar que é como se o criminoso e o louco lesassem a sociedade, devido a romperem o pacto social, ou seja, o seguir as leis e normas instituídas e vistas como normais. E na reportagem em discussão, aparece justamente a loucura enquanto possibilidade de fugir às normas encaradas como normais, por isso, como o sujeito da reportagem diz, só torturaria se fosse louco/louca. Quanto às ideias de Foucault (2010b), levam a pensar na articulação estabelecida entre crime e loucura, que no cerne de todo crime há uma pitada de loucura e que “[...] por trás da loucura, há perigo de crime” (p.298).

O perigo de crime citado lembra o perigo e o absurdo que é o trânsito de motociclistas: *“Longe da **loucura**: ‘Fui motoboy durante treze anos. Há quatro não sou mais. Cheguei a trabalhar dezesseis horas por dia [...] Testemunhava três acidentes por dia com motoboys, na maioria fatais. Hoje ganho menos, mas estou longe dessa **loucura** absurda e perigosa’”*. A loucura absurda e perigosa parece escapar da criminalidade e se aproximar de outros movimentos que podem ser absurdos e perigosos, como por exemplo, o trânsito de motociclistas em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro etc. Como por exemplo, alguém se dispor a comprar uma moto, ou então

a “pegar carona” em uma moto, embora ciente do perigo em que pode estar se expondo. Seria considerada louca uma pessoa que tem moto ou que anda com uma? Nesse sentido, a própria Revista Veja mostra que a loucura faz outros voos e muitas vezes a periculosidade ou o perigo a acompanham. Ou seja, ousam fazer outros voos também.

E o trânsito de motociclistas pode servir de gancho aos acidentados por motos nos hospitais, como comentado em outra reportagem: *“Aqui em São Gabriel da Palha, cidade com 31 000 habitantes, não é diferente do que informou a reportagem de VEJA. Nossos fins de semana são uma **loucura** dentro dos hospitais da região, que recebem jovens gravemente acidentados com motos”*. Nesse recorte, a loucura assemelha-se à confusão ou caos, bem como à insanidade que é ver os acidentados por motos nos hospitais.

O caos e a confusão, talvez seja possível articular à irracionalidade, pois a razão remete a certezas, obediência e, portanto, à ordem. Além disso, o caos e a confusão evidenciados fazem pensar na Modernidade, período que se caracteriza por ruptura da tradição, sentimento de novidade, transitoriedade (BAUDELAIRE apud FOUCAULT, 2008a). Ou seja, período que parece ser movimento, giros, caos? Ou a pós-modernidade aproxima-se mais do caos e da confusão, devido às incertezas que promove?

Se olharmos para a loucura, por si só já remete a algo fora da normalidade ou da ordem, como discutido anteriormente. Ou seja, a loucura, por si só, relaciona-se à confusão e caos. A insanidade que é ver os acidentados por motos nos hospitais é um respingo disso.

6.5 Análise da Análise

A análise realizada a partir das reportagens da Revista Veja fez com que eu percebesse o quanto eu esperava encontrar os descritores “louco”, “louca” e “loucura” articulados à área da saúde, ou seja, à saúde, à problematização da doença, à Reforma Psiquiátrica. Embora eu estivesse envolvida pela ideia de saúde ampliada e pelo conceito de Clínica Ampliada e, ainda que esses envolvimento movimentem questões em mim, percebi-me ligada, também, a uma lógica reducionista.

As reportagens me desestabilizaram, me fizeram ficar sem saber o que fazer com elas, pois a loucura da área da saúde parecia inexistente. A loucura que eu conhecia

parecia inexistente. E será que só a área da saúde promove saúde ou promove cuidados, pensamentos, afirmações e negações à loucura? Até que ponto o fato de outras áreas falarem da loucura, a utilizarem como trocadilho/metáfora/hipérbole para alguma palavra, a aproximarem de exagero, de fanatismo e de outros, não mostra a complexidade da loucura e o quanto ela deve ser olhada em tal complexidade, através dos diferentes olhares ou áreas?

Ao que parece, os diferentes discursos que circulam na revista Veja e que fizeram circular o catavento durante a análise, mostram a necessidade de a loucura ser falada nos diferentes meios. Embora por vezes acabe deslizando até a banalização, em outras vezes parece que há uma necessidade de compreender esse conceito tão complexo de modo mais miúdo e, nem por isso, deixando de lado a complexidade. De modo mais miúdo, no sentido de a loucura nunca ser abarcada em sua totalidade, porque ela é processo, construção, ideia que emerge em determinado momento, enquanto tema de estudos, pesquisas, debates, bem como se relaciona às áreas da Saúde, do Direito, da Comunicação ou a tantas outras e emerge diferente a cada encontro.

6.6 A análise que acontece, mesmo sem existir

Como um dos objetivos especificados no início da Monografia baseava-se em investigar se aparecem referências à Reforma Psiquiátrica na Revista Veja, averiguou-se a existência ou não desses descritores no periódico mencionado. A busca não encontrou resultados e nem a que foi realizada com os descritores Reforma Sanitária. Embora referências não tenham sido encontradas, é possível discutir e analisar isso que, a princípio, não existe.

Será que não há necessidade de abordar o tema da Reforma em uma revista como a Veja? Será que a Reforma existe, ainda que não exista no periódico em análise? Tal discussão já apareceu anteriormente, mas nesse momento parece embalar o fato de os descritores relacionados à Reforma não aparecerem na Revista Veja. Parece, além disso, evidenciar a importância de o trabalho do psicólogo ser discutido para além do círculo de profissionais “psis”. Discussão, essa, pensada como contribuição política e articulado à ideia de Scisleski (2000) sobre o quanto a loucura ainda é um desafio à sociedade, bem como desprezada socialmente. Torna-se pertinente acrescentar, a

propósito: “[...] assim como há programas informativos e esclarecedores que se destinam a desmistificar os preconceitos sobre determinadas doenças, também [poderia] haver o mesmo no que concerne ao funcionamento das doenças mentais” (SCISLESKI, 2000, p.98-99). Embora a estudiosa fale em doença mental, talvez seja importante pontuar que não se trata apenas de doença mental, mas da loucura em suas complexidades e como assunto a estudar e discutir em Psicologia. O que é a loucura? O que é a doença mental? Quiçá, discussões pautadas em esclarecimentos de questões desse tipo poderiam ser um “pontapé” inicial para que a loucura fosse “colocada na roda”, fosse olhada e compreendida de outros modos pela sociedade, e não apenas desprezada. Pode-se pensar, inclusive, que os profissionais da Psicologia ainda têm um ranço de neutralidade, o qual parece se mostrar na falta de discussões acerca do seu fazer, ou seja, em relação ao trabalho do psicólogo, e, também, de discussões ampliadas em relação à loucura e à Reforma Psiquiátrica. Dessa maneira, às vezes fica a sensação de que se confunde neutralidade e posicionamento.

Pode-se pensar, ainda, que por mais que uma discussão sobre a Reforma Psiquiátrica não apareça, é impossível desvinculá-la da loucura. Assim, a análise realizada a partir dos descritores “louco”, “louca” e “loucura” diz bastante da Reforma Psiquiátrica, uma vez que esta inventa-se através dos discursos que circulam em relação à loucura, ao mesmo tempo em que busca produzir mudanças – políticas, culturais, clínicas e sociais (JUCÁ et al, 2010, p.94) – nos paradigmas atrelados à loucura.

A inexistência dos descritores aludidos faz pensar, também, sobre para quem a Reforma é necessária, bem como para quem ela faz sentido. Será para os leitores da Veja? Para o público que tal periódico busca abranger? Por outro lado, ecoa o fato de os profissionais da saúde não estarem falando, na revista de maior circulação no Brasil, sobre a Reforma Psiquiátrica e os paradigmas que essa proposta busca problematizar. Questiona-se, a partir disso, sobre até que ponto os profissionais da área da saúde estão conseguindo colocar em discussão e em prática a Reforma e até que ponto a compreendem para poder colocá-la em prática. Além disso, até que ponto os profissionais fazem a Reforma visível, bem como sua consequente discussão, para a sociedade?

7 INS(PIRAÇÕES) FINAIS

O que produziu em mim tudo que foi discutido até o momento? Uma ampliação do olhar em relação ao tema escolhido para a pesquisa. Também acerca da metodologia, do material discursivo utilizado e do próprio Acervo Digital da Veja. O método de pesquisa “Análise de Discurso”, em especial, foi um diferencial em minha formação, possibilitando que o meu olhar fosse desviado das interpretações e do que está “por baixo” do que é dito, para aquilo que é dito. Para o que está dito. Para o que borbulha na superfície. Ou seria para a superfície em si? O que produziu em mim tudo que foi discutido até o momento? Uma ampliação do olhar sobre a minha implicação em relação à loucura. Uma compreensão sobre a presente pesquisa ser uma produção em processo, que está se fazendo, delineando seus primeiros passos ainda incertos e com vírgulas aos montes. E não uma pesquisa realizada somente para fins avaliativos. O que se passou entre o tema e mim, o entre que produziu diversas entradas e fluxos e olhares remete a uma produção de entrega.

Entregar-se à escrita, ao tema, à loucura. Eis o que o processo foi me propiciando. Eis o que eu, em meio ao processo, me permiti. O processo permitiu também. Muito. Permitiu desestabilização. Permitiu não saberes. Permitiu desrazão. Permitiu ver o que se diz e dizer o que se vê. Permitiu maior apropriação da metodologia escolhida. Permitiu inquietações. Permitiu desconstruções. Re-re-re-re-re-reconstruções. A serem, permissivamente, desconstruídas. Permitiu não permitir e ainda assim estar no processo.

Mas nem só de permissões se vive. Se tudo fosse permitido, a loucura existiria? Se tudo fosse permitido e a loucura não existisse, o trabalho delineado também não

existiria. Mas ele não existe. Ele está sendo construído em um vai-e-vem incessante, embora seja constituído de embasamentos e possibilidades. Ele se esvai no ar a cada mudança no processo, mas ao mesmo tempo vai se consolidando e se definindo em algumas formas. Formas sempre em movimento. Formas que piram. Que reverberam.

Entre permissões e “vai-e-vens”, a aproximação com a metodologia utilizada na Monografia desestabilizou o campo “psi” com o qual eu estava acostumada. Como fazer uma análise que não analisa o que está por trás, mediante interpretações e suposições baseadas em determinados conceitos? Como não deparar-se com resquícios das técnicas de interpretação de Nietzsche, Freud e Marx (FOUCAULT, 2008c)? Como não ser envolvido pelas duas suspeitas da linguagem, que já apareciam nos gregos: o fato de a linguagem não dizer propriamente o que ela diz, pois o sentido apreendido ou manifesto é um sentido menor, mas que transmite um sentido considerado mais forte: o sentido “por baixo”; e a suspeita referente à linguagem ultrapassar sua forma verbal, pois há várias coisas no mundo que falam, embora não sejam linguagem, tais como o mar, o sussurro das árvores, os animais etc (FOUCAULT, 2008c)? Como eu, tomada pelo curso de Psicologia que, embora critique a própria Psicologia, por vezes reproduz teorias e conceitos de interpretação do que há no que é dito, que não está visível – poderia me deixar tomar pela ideia de não olhar para o que pode estar por trás do que é falado? A questão não remete a dizer que está errado o que a Psicologia propõe, mas se aproxima do incômodo que foi, para mim, realizar uma análise baseada no que estava ali, dito, evidente, explícito. E no olhar “apenas” para isso. “Apenas” que é tão complexo!

Incômodo que possibilitou, a mim, sair de um lugar confortável e que só faltava trazer a pipoca, porque o filme eu já sabia “de cor e salteado”. O filme mudou de roteiro, porém. As pipocas saltitavam e não me deixavam sentar em meu lugar confortável. O filme deixava menos ainda, pois ocorria ao contrário da versão que eu conhecia. Foi esse processo que a análise de discurso me fez experimentar: passar de um lugar confortável, que busca efeitos causais e a origem dos fenômenos, para um lugar desconfortável, em que as pipocas explodem, o filme é incerto... Lugar, esse, que ao desacomodar movimenta e propicia novos pensares. Novos olhares e possibilidades. E principalmente, leva ao questionamento de tudo em que se acreditava até então.

Leva ao questionamento, por exemplo, da relação entre loucura e saúde. Como articulá-las? Talvez, seja possível pensar na loucura a partir de suas complexidades, em

oposição à saúde – conforme, por exemplo, reportagem sobre a saúde ser atrelada apenas ao físico – que remete a um estreitamento de tal complexidade. Por outro lado, a saúde pode ser encarada para além da ideia de sanidade que Phillips (2008) faz alusão. Pode ser encarada, em articulação à loucura, através da sua complexidade. Como pensar a saúde enquanto complexidade? A clínica ampliada arremessa seus ares. Embora já tenha sido discutida com afinco no início do presente trabalho, cabe retomar que a clínica ampliada remete a uma clínica inventiva (PAULON, 2004). Inventar novos modos de cuidado, de acordo com as demandas e necessidades do usuário, implica um cuidado diferente, criativo e, pode-se pensar, rompe com uma normalidade e um modo de se fazer saúde que é instituído. Assim, a complexidade parece envolver não apenas o olhar que se tem para o sujeito, mas o próprio conceito de saúde com o qual se trabalha.

Complementando as ideias que giram o catavento, pode-se dizer que a loucura – assim como a saúde pensada a partir da clínica ampliada – está ligada à complexidade da vida humana, o que poderia explicar sua articulação ao excesso e a algo que extrapola os padrões, que é demais. Há algo mais demasiado do que a complexidade? Complexidade extrapola. Como refere Mão Santa, ao falar na quantidade de e-mails que recebe: é uma loucura. É muito. É demais. Como refere um marido, ao falar sobre quando a esposa o arrasta para o médico: é uma loucura. É muito. É demais. Como refere outra reportagem, ao falar em dietas que volta e meia ressurgem: é uma loucura. É muito. É demais. Como refere Eduardo Saverin, cofundador do Facebook, ao falar sobre seus investimentos: é uma loucura. É muito. É demais.

Muito. Demais. Entretanto, tal exagero não se refere à visibilidade que a loucura tem na sociedade hoje, no sentido de os profissionais de saúde debaterem a loucura com a comunidade, colocarem ela na roda. A visibilidade concedida à loucura e à Reforma Psiquiátrica é pouca. Pouquíssima. Aparece na fresta de uma janela e ainda assim gosta de escapar em alguns momentos. Como considerar o viés político da loucura e da Reforma Psiquiátrica, se não se considera as necessidades do coletivo, aspecto fundamental para fazer política, se nos basearmos em Barros e Pimentel (2012)?

O processo que se produziu ao longo da escrita delineada, se parece com o processo que produz a loucura: catavento. Giro. Alçar. Voo. Mudança. Liberdade. Composição. Impalpável. Vento. Oxigênio. Suspiro. Vida. Levantar. Andanças. Territórios. Oco. Desfocar. Pouco. Louco. Desconexão. Palavras desconectadas, desprovidas de sentido? Qual a semelhança com a loucura? Como a desconexão constitui? Sim, porque constitui

a loucura... Como? Conexão desconectada. Conexão que se conecta de outros jeitos.
Conexão viandante. Andante. Dante. Ante. Te. E.



REFERÊNCIAS

- ALBINI, Andrea. Medicina da alma. **Mente e Cérebro**. v. XIV, n. 161, p.52-57, jun.2006.
- ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 31. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista Veja. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em comunicação e informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta, 2006.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros de; PIMENTEL, Ellen Horato do Carmo. Políticas Públicas e a Construção do Comum: interrogando práticas PSI. **Polis e Psique**. v. 2, n.2, 2012.
- BEZERRA, Benilton. **Café Filosófico**: A história da Psicopatologia. 28 de setembro de 2012. Disponível em <<http://www.cpflcultura.com.br/2012/10/25/a-historia-da-psicopatologia-no-brasil-benilton-bezerra/>>. Acesso em: 26 mai, 2013.
- _____. Desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, v.17, n.2, p.243-250, 2007.
- _____. **O cuidado no CAPS**: os novos desafios. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde, 2004. Disponível em:
<http://www.saude.rio.rj.gov.br/saude/pubsms/media/cuida-do_nos_caps.pdf>
- BILAC, Olavo. **Soneto XIII**: Via Láctea. Disponível em:
<www.unievangelica.edu.br/gc/imagens/.../MELHORES_POEMAS.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2013.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Cartilha da PNH**: Clínica ampliada, equipe de

referência e Projeto Terapêutico Singular. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas, 2005.

Disponível em:

<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio15_anos_caracas.pdf>. Acesso em: 16 set. 2013.

BRUM, Eliane. **Acordei doente mental**. 20 de maio de 2013. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/05/acordei-doente-mental.html>>. Acesso em: 26 mai. 2013a.

_____. **Os loucos, os normais e o Estado**. 03 de junho de 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/06/os-loucos-os-normais-e-o-estado.html>>. Acesso em: 04 jun. 2013b.

CALLEGARI-JACQUES, Sidia. **Bioestatística: princípios e aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais.

Organizações Rurais & Agroindustriais. v. 5, 2011. Disponível em: <revista.dae.ufpa.br/index.php/ora/article/download/251/248>. Acesso em: 04 mai. 2013.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

CERQUEIRA, Adriano L. da Gama; LOPES, Marcos Antônio. **A Europa na Idade Moderna: do Renascimento ao Século das Luzes**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

CHEMIN, Beatriz, Francisca. **Manual da Univates para Trabalhos Acadêmicos: planejamento, elaboração e Apresentação**. 2. ed. Lajeado, RS: Editora Univates, 2012.

COLLIN, Catherine; GRAND, Voula; BENSON, Nigel; GINSBURG, Joannah; LAZYAN, Merrin; WEEKS, Marcus. A loucura nem sempre é caos, pode ser também transformação. In: COLLIN, Catherine; GRAND, Voula; BENSON, Nigel; GINSBURG, Joannah; LAZYAN, Merrin; WEEKS, Marcus. **O livro da Psicologia**. São Paulo: Globo, 2012a. p.150-151.

_____. Há uma alma racional nessa máquina. In: COLLIN, Catherine; GRAND, Voula; BENSON, Nigel; GINSBURG, Joannah; LAZYAN, Merrin; WEEKS, Marcus. **O livro da Psicologia**. São Paulo: Globo, 2012b. p.20-21.

COLLIN, Catherine; GRAND, Voula; BENSON, Nigel; GINSBURG, Joannah; LAZYAN, Merrin; WEEKS, Marcus. Só compreendemos um sistema quando tentamos transformá-lo. In: COLLIN, Catherine; GRAND, Voula; BENSON, Nigel; GINSBURG, Joannah; LAZYAN, Merrin; WEEKS, Marcus. **O livro da Psicologia**. São Paulo: Globo, 2012c. p.218-223.

_____. Traumas devem ser analisados sob a perspectiva da relação entre indivíduo e sociedade. In: COLLIN, Catherine; GRAND, Voula; BENSON, Nigel; GINSBURG, Joannah; LAZYAN, Merrin; WEEKS, Marcus. **O livro da Psicologia**. São Paulo: Globo, 2012d. p.256-257.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador. **O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira**. Salvador: INTERCOM. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/300ea43da98da19f6977caba6d17d8cd.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

DELEUZE, Gilles. Spinoza e as três éticas. In: Deleuze, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2006. p.156-170.

DETONI, Maria Célia. **Artesania Clínica**: questões para uma prática da multiplicidade. Porto Alegre: Marca Visual, 2009.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Esquizofrenia: a “patologia” modelo. In: DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A política da loucura**: a antipsiquiatria. 3. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 1987a. p.47-56.

_____. João Francisco. O natural e o humano. In: DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A política da loucura**: a antipsiquiatria. 3. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 1987b. p.15-24.

_____. João Francisco. Rouco ou Louco: uma questão de interpretação. In: DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A política da loucura**: a antipsiquiatria. 3. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 1987c. p.35-46.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Normopatia**. 1ª reimpressão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FIGUEIREDO, Mariana. **Lembretes e sugestões para orientar a prática na clínica ampliada e compartilhada**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/124806956/Cartilha-Folheto-Clinica-Ampliada-Mariana-d-Figueiredo-1>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

FISCHER, Rosa M. Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

_____. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p.49-70.

FISCHER, Rosa M. Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. n.114, 2001. p.197-223.

_____. A paixão de "trabalhar com" Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996, p.37-60.

FISCHMAN, Gustavo E; SALES, Sandra R. **Quem disse que a classe média se preocupa com a Universidade?** Uma análise dos protótipos sobre educação superior na Veja (1995-2008). Disponível em: <<http://www.anped11.uerj.br/QUEMDISSEQUEACLASSE.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2013.

FOUCAULT, Michel. A Água e a Loucura. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. p.205-209.

_____. A Loucura Só Existe em uma Sociedade. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. p.162-164.

_____. **História da Loucura**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010c.

_____. O grande Internamento. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010d. p.285-296.

_____. Mesa-redonda sobre a Expertise Psiquiátrica. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010e. p.297-308.

_____. A Evolução da Noção de "Indivíduo Perigoso" na Psiquiatria Legal do Século XIX. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Ética, Sexualidade, Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010f. p.1-25.

_____. As Formações Discursivas. In: FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a. p.35-44.

_____. As Unidades do Discurso. In: FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p.23-34.

_____. O que são as luzes? In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. p.335-351.

_____. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b. p.82-118.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, Freud, Marx. In: MOTA, Manoel Barros da (org.). **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008c. p.40-55.

_____. A constituição histórica da doença mental. In: FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2000. p.75-86.

_____. A casa dos loucos. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. p.113-128.

_____. **Resumo dos cursos do College de France (1970 - 1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GONÇALVES, Maxlander Dias. **Veja** - uma história do PT e do primeiro governo Lula sob a ótica das notícias. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

GUIMARÃES, Luciano. Capítulo vermelho: violência e paixão. In: GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002. p.113-143.

JUCÁ, Vlória Jamile et al. Atuação psicológica e dispositivos grupais nos centros de atenção psicossocial. **Mental**. vol.8, n.14, p.93-113, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

_____. **Água viva**. São Paulo: Circulo do Livro, 1973.

MACHADO, Adriana. São Pedro: onde a Reforma Psiquiátrica ainda não chegou. **Extra Classe**. v.18, n.173, maio de 2013. p.14-17.

MARANHÃO, Carlos. Memórias de um Editor. **Veja**. Edição 2324, v.46, n.23, 5 de junho de 2013. p.94-101.

MELMAN, Jonas. **Família e Doença Mental**: Repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares. 2. ed. São Paulo: Editora Escrituras, 2006.

MENDES, Jussara M. R.; LEWGOY, Alzira M. B.; SILVEIRA, Esalva C. Saúde e interdisciplinaridade: mundo vasto mundo. **Revista Ciência e Saúde**. v.1, n.1, p.24-32, 2008.

MONTEIRO, Tammy Claret. Apresentação. In: LOBOSQUE, Ana Marta (org). v.3. **Caderno Saúde Mental**. Seminário Saúde Mental: Os Desafios da Formação. Belo Horizonte: ESP-MG, 2010. p.7-8.

NASCIMENTO, Milton Meira et al. **Iluminismo**: A revolução das Luzes. São Paulo: Editora Ática, 2001.

OLIVEIRA, Fátima O; WERBA, Graziela. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Guazzelli. **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petropolis: Vozes, 2009. p.104-114.

PAULON, Simone M. Clínica Ampliada: que(m) demanda ampliações? In: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda. **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.259-273.

PELBART, Peter Pál. Manicômio mental – a outra face da clausura. In: LANCETTI, Antonio et al. **SaúdeLoucura**. v. 2. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004. p. 131-138.

PERIS, Carme et al. **Viajando através da História**: O Renascimento. São Paulo: Editora Scipione, 1990.

PHILLIPS, Adam. A desconfiança da coisa: notas para a definição de sanidade. In: PHILLIPS, Adam. **Louco para ser normal**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008. p.17-60.

RAINONE, Francilene Nunes. **A pluri-semia das imagens cinematográficas e a polissemia do significante na psicose**: uma relação entre imagens e narrativa. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 20. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, Adriana R. Não me interne não, que tem explicação! Narrativas e experimentações trágicas no campo da Reforma Psiquiátrica. In: CAMPOS, Florianita Braga; LANCETTI, Antonio (orgs). **SaúdeLoucura 9**: Experiências da Reforma Psiquiátrica. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. p.169-192.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho. A loucura, o crime e a sociedade: uma compreensão histórica e filosófica. In: JACQUES, Wilson Cleber Antunes (Org.). **Histórias e Memórias da Psicologia**. v.1. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 2003. p. 87-99.

SILVA, Rosimeire. Psicose e laço social: uma questão ética (e nova) para a clínica. In: CAMPOS, Florianita Braga; LANCETTI, Antonio (orgs). **SaúdeLoucura 9**: Experiências da Reforma Psiquiátrica. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. p.137-148.

SILVEIRA, Fernando de Almeida; FURLAN, Reinaldo. Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia. **Psicologia USP**. v.14, n.3, 2003. p.171-194.

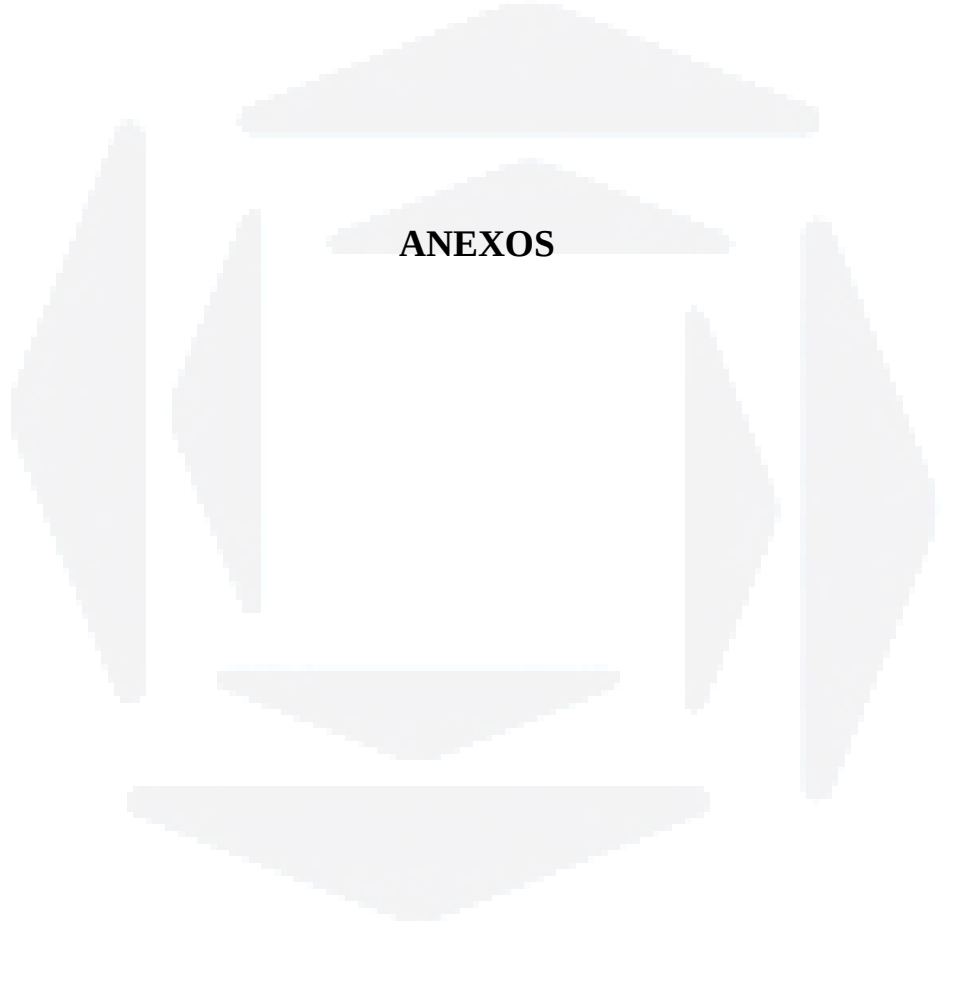
VEIGA-NETO, Alfredo. Situando Foucault. In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007. p.15-36.

VEJA. **Acervo Digital**. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

WACHELKE, João Fernando Rech. O vácuo no contexto das representações sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura. **Estudos de Psicologia**. v.10, n.2, 2005. p.313-320,

ZAVASCHI, Maria Lucrécia S. e cols. **Crianças e adolescentes vulneráveis: o atendimento interdisciplinar nos centros de atenção psicossocial**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.



ANEXOS

ANEXO A – Capas das revistas utilizadas na pesquisa



Capa do dia 06/05/2009, contendo um descritor “loucura”.



Capa do dia 13/05/2009, contendo um descritor “loucura” e três descritores “louco”.



Capa do dia 27/05/2009, contendo dois descritores “loucura”.



Capa do dia 19/05/2010, contendo um descritor “louco”.



Capa do dia 26/05/2010, contendo um descritor “louca”.



Capa do dia 09/05/2012, contendo dois descritores “loucura”.



Capa do dia 16/05/2012, contendo um descritor “loucura”.



Capa do dia 30/05/2012, contendo um descritor “louco”.



Capa do dia 08/05/2013, contendo dois descritores “louca”.



Capa do dia 15/05/2013, contendo um descritor “louco”.

ANEXO B – Recortes das reportagens utilizadas

“Longe de Adalgisa, eu choro”

O senador Mão Santa (PMDB-PI) bateu o recorde de discursos no Senado. Há duas semanas, completou 1 000 pronunciamentos

Como o senhor consegue fazer tantos discursos? Vou abrir o jogo: o Senado não funciona nas segundas e sextas-feiras. Nesses dias, eu falo para aparecer na *Voz do Brasil*, na TV e na Rádio Senado.

Quer bater mais um recorde? Não tenho uma meta, mas vou manter o ritmo.

De onde o senhor tira ideias para seus pronunciamentos? Recebo uma **loucura** de e-mails de médicos,

professores e aposentados. Sou a voz deles. Se houvesse uma eleição do senador mais querido do Brasil, eu poderia vencer.

A população do Piauí é pequena... Um dia desses, senhorita, fui reconhecido por turistas gaúchos em uma casa de tango de Buenos Aires, e eles até pediram para eu posar para fotos.

Seu prestígio foi abalado quando se descobriu que seus parentes e amigos viajavam com passagens aéreas do

Senado? Só dei para doentes e a minha Adalgisa, com quem estou casado há 41 anos. Fui parcimonioso. Agora, vou pagar as da Adalgisa do meu bolso. Sou apaixonado, ela merece e, longe dela, eu choro.

O senhor foi cassado em 2001 por usar a máquina na campanha de reeleição para o governo do Piauí. Está arrependido? O que fizeram comigo foi a maior imoralidade. Adalgisa e eu saímos do palácio a pé. Depois, vim para o Senado nos braços do povo, sem gastar um tostão na campanha.

MÃO SANTA:
popular até em Buenos Aires



Reportagem publicada na Revista Veja do dia 06/05/2009.

Saúde

QUANDO O AMOR DE PAI JÁ NÃO BASTA

O escritor americano Pete Earley, de 57 anos, é especialista no sistema judiciário de seu país. De seus doze livros, o último é inspirado em uma experiência pessoal. Recém-lançado no Brasil, **Levará**, a *Busca de um Pai pelo Insano Sistema de Saúde* (Artmed; 375 páginas) traz a história de seu filho Mike, portador de transtorno bipolar. Além do relato sensível de um pai diante da doença de um filho, Earley faz críticas ao modo como as leis americanas tratam os doentes mentais. Por causa de uma reforma ocorrida nos anos 60, dezenas de milhares de leitos psiquiátricos deixaram de existir e a maioria dos doentes ficou sem a alternativa do tratamento hospitalar — situação pela qual também passam os brasileiros. A convite do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, Earley participou, na semana passada, de uma série de debates sobre o assunto. Antes de embarcar para o Brasil, ele falou à repórter Adriana Dias Lopes, de sua casa em Fairfax, no estado da Virgínia.

O DIAGNÓSTICO Os primeiros sintomas surgiram em 2000, quando Mike tinha 22 anos e estudava pintura na escola de artes do West Institute em

do McDonald's tinha sido uma casualidade qualquer. No entanto, certo dia, Mike teve um ataque epilético. Ela se



Reportagem publicada na Revista Veja do dia 13/05/2009.

que queria conversar com eles. Logo depois, Mike falou que não tinha certeza se de fato havia feito aquilo ou apenas sonhado. Levei-o ao psiquiatra. Foi então que ouvi do médico que, se eu fosse um sujeito de sorte, Mike estaria usando drogas. Fiquei chocado com aquelas palavras. Mas hoje as entendo perfeitamente. Naquele momento, não sabia nada sobre doenças mentais e como elas podem ser cruéis.

A PRIMEIRA PRISÃO Após o episódio do McDonald's, Mike foi a mais duas consultas psiquiátricas, mas depois desistiu. Disse que não era **louco** e que apenas precisava se alimentar melhor. Ele me parecia bem e, naquele momento, não me dei conta da gravidade do problema. Durante nove meses, chegamos até a pensar que a história

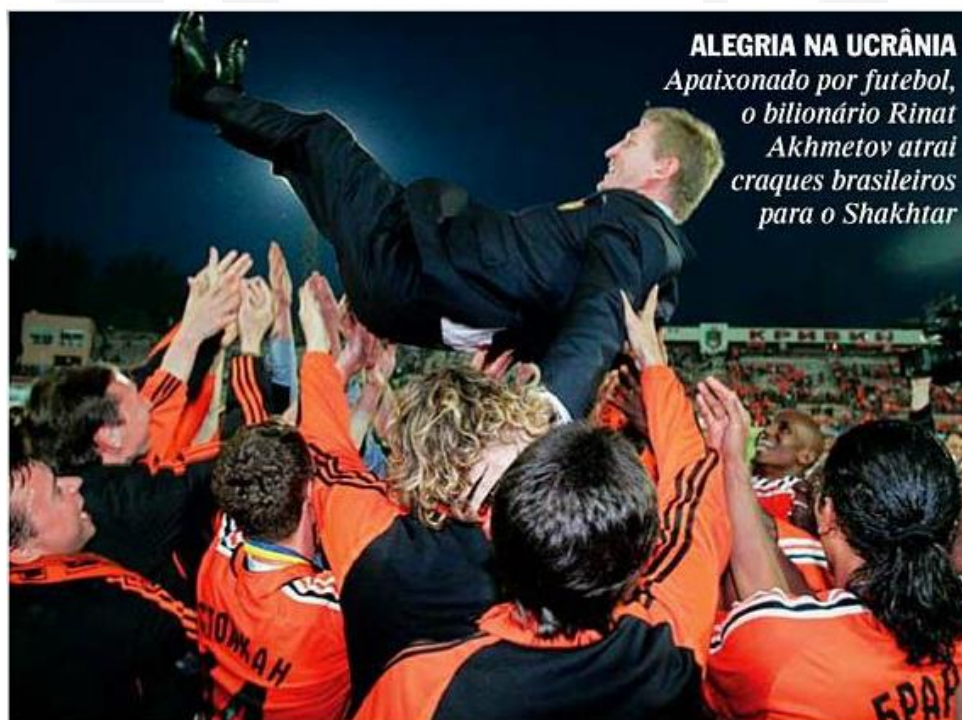
Os donos do imóvel infelizmente decidiram processá-lo, mesmo sabendo que se tratava de um doente mental em surto. Eles insistiram em acusá-lo como autor de um delito grave. Tudo pareceu ser desgraçadamente injusto naquele momento. A acusação poderia marcá-lo para sempre como um criminoso e teria sérias repercussões, atrapalhando sua vida profissional. Uma policial conseguiu convencer o casal a amenizar a acusação. Um ano depois da absolvição do meu filho, essa policial foi morta por um jovem de 18 anos, vítima de problemas mentais.

NENHUM CUIDADO É EXCESSIVO

Até hoje me aconselham a não insistir para que meu filho se cuide. Muitos acreditam que, se eu deixá-lo bater cabeça, Mike finalmente entenderá que

regular. Essas pessoas não percebem que “bater cabeça”, no caso do meu filho, pode significar o suicídio — 40% dos bipolares tentam se matar. O paciente acredita realmente que pode ficar bem sem medicação — essa é outra característica da doença. Se eu não estiver sempre ao seu lado, aí, sim, Mike ficará de fato muito doente. Será que essas pessoas fariam algo semelhante se ele fosse portador de síndrome de Down, por exemplo? Os pais de uma criança com Down nunca são criticados por advogar por seu filho. E tanto Down quanto transtorno bipolar são distúrbios cerebrais. Em relação aos doentes mentais, nenhum cuidado é excessivo. Meu filho tem uma doença. Uma doença que afeta seu cérebro e rouba sua capacidade de decisão.

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 13/05/2009.

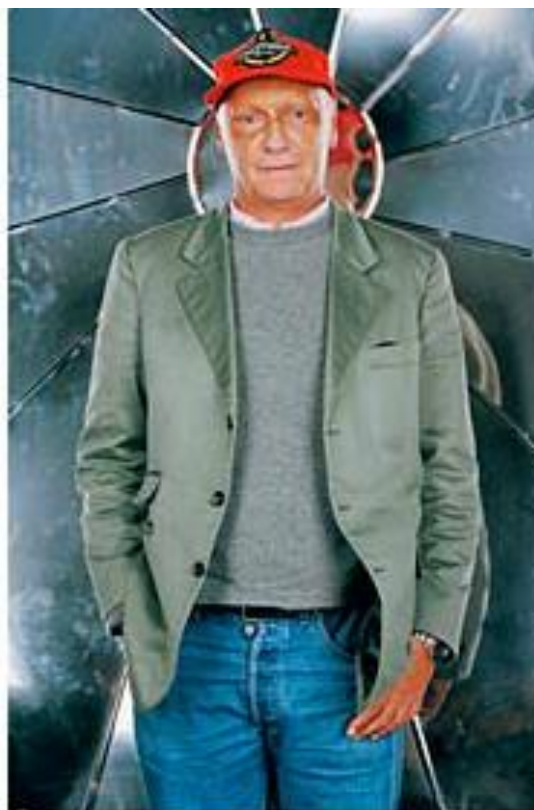


ALEGRIA NA UCRÂNIA
*Apaixonado por futebol,
o bilionário Rinat
Akhmetov atrai
craques brasileiros
para o Shakhtar*

O MISTERIOSO DONO DA BOLA

Um dos homens mais ricos da Ucrânia, o deputado e empresário Rinat Akhmetov, de 42 anos, tem uma fortuna estimada em 1,8 bilhão de dólares e duas paixões: é **louco** por futebol e fanático pelo estilo brasileiro de jogar.

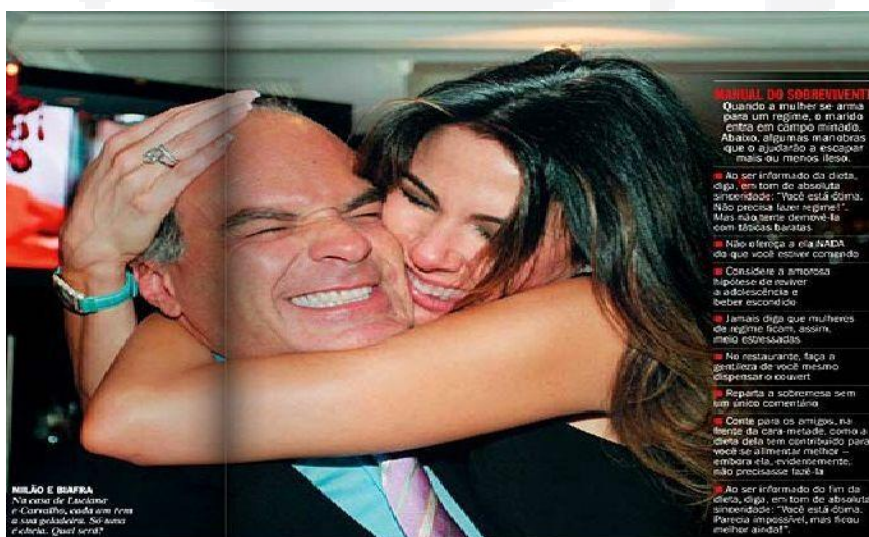
Reportagem publicada na Revista Veja do dia 13/05/2009.



ide pilotar o ônibus es-
Two, que fará passeios
tir do próximo ano. A
sendimento nástico do
raison, dono da marca
uma gravadora e uma

Embora **1000** por riscos, Larada
sempre foi um calculista. Mesmo a 300
quilômetros por hora. Nos anos 1980,
seu apelido era "O Computador". Mas
os 173 grandes prêmios que disputou
— dos quais ganhou 25 — são parte de

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 13/05/2009.



MILJO E BIAFRA
Na casa de Luciano
e Carolina, está um reme-
do de pão de mel. São os
doceiros. Qual será?

MANEJO DO CORRENTINO

Quando a mulher se arma
para um regime, o marido
entra em campo mirrado.
Abaixo, algumas manobras
que o ajudarão a escapar
mais ou menos ileso.

- Ao ser informado da dieta,
diga, em tom de absoluta
sinceridade: "Você está ótima.
Não precisa fazer regime!".
Mas não tente demover a
mulher com típicos bucatás.
- Não elenque a **culpa** de
nada que você estiver comendo.
- Considere a **impossibilidade**
de mudar a rotina de
comer e beber escondido.
- Jamais diga que mulheres
de regime ficam, assim,
melhores estressadas.
- No restaurante, faça a
gestão de você mesmo.
Sugira o prato.
- Reparta a sobremesa sem
nenhum comentário.
- Conte para os amigos, na
frente da cara-metade, como a
dieta dela tem contribuído para
você se alimentar melhor —
embora ela, evidentemente,
não precise ouvir isso.
- Ao ser informado do fim da
dieta, diga, em tom de absoluta
sinceridade: "Você está ótima.
Parece impossível, mas ficou
melhor ainda!"

de nutricionista é um clássico. A mulher
quer que ele confesse todos os seus pe-
cados na primeira consulta. Resposta: "Vai,
come para a noite você começa a comer".
Além disso, elas se viram para
mãe, ansiosas, esperando uma bronca no
colado", relata Tatiana. O empresário
Paulo Roberto, 40 anos, diz que em no-
me da vaidade e da paz doméstica já
passou por isso mais de uma vez. "É
uma **lição** quando ela me arrasa para

amédica. Parece que é doutora também,
fazendo um pé de igualdade sobre meta-
bolicismo, caloria de gordura, glícemia e tal.
Eu fico feito um toco, sem entender na-
da", conta. A mulher dele, Tatiana, 38,
também tem as suas queixas, em espe-
cial no capítulo doces. "Ela fica me ten-
sando. Fala com voz rouca: 'Aí me
come só um pedacinho vai'. Eu como,
só para ele não ficar culpado de engor-
dar sozinho". Roberto tem uma **versão**

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 27/05/2009.

A DIETA DO ABACAXI FUNCIONA

Em meados dos anos 80, a americana Judy Mazel criou a Dieta de Beverly Hills, regime para emagrecer feito com frutas, sobretudo abacaxi. O consumo de leite e derivados era proibido e o de proteínas, muito limitado. Ou seja, uma **loucura** que volta e meia ressurge. “É claro que um regime em que se come apenas um tipo de alimento faz emagrecer. Mas é claro também que, ao voltar à dieta normal, os quilos voltam junto”, diz Magnoni. “Além disso, deixar de comer carne causa deficiência de ferro e zinco, o que pode levar à anemia e até a problemas cardíacos”, esclarece Cukier.

CARNE APODRECE NO SISTEMA DIGESTIVO

A carne em ambiente natural se decompõe devido à ação de bactérias presentes no ar, responsáveis pelas secreções que quebram as fibras musculares. Essa quebra desencadeia reações químicas que liberam as proteínas, as gorduras e os açúcares presentes na composição da carne. As três

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 27/05/2009.

T-Bone Burnett, ganhador do Oscar deste ano pela canção do filme *Coração Louco*. Burnett recrutou profissionais de respeito, como o guitarrista de jazz Marc Ribot e as cantoras Kelly Hogan e Nekko Case, artistas do country alternativo. O trabalho deve agradar tanto aos fãs mais ardorosos de Dylan pai quanto aos da nova geração folk. A voz roufenha de Jakob chega a lembrar os registros do papai na década de 70. O forte do CD, como anuncia o título, são canções country como *Everybody's Hurting* (com belíssimos vocais de apoio de Nekko). Mas há também outros gêneros, do cabaré (*Lend a Hand*) a baladas ternas (*Nothing But the Whole Wide World*).



Reportagem publicada na Revista Veja do dia 19/05/2010.

por perto. Sabe como é: as presas veem TV e, como qualquer ser humano, também pensam, julgam, raciocinam. E crime que envolve criança tem uma repercussão muito grande. É como estupro. Se sáísse hoje para caminhar em Ipanema, sei que não chegaria em casa viva.

A senhora ainda pensa em adotar uma criança? Acho que não mais. Meu sonho era ter adotado três, para formar a família que nunca tive. Adoro crianças. Não faria sentido nenhum torturar uma menina que cuidaria de mim na velhice, certo? Só se eu fosse **louca**.

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 26/05/2010.



FOTOS EGBERTO NOGUEIRA

Longe da **loucura**

“Fui motoboy durante treze anos. Há quatro não sou mais. Cheguei a trabalhar dezesseis horas por dia, dividia o tempo entre um escritório e uma pizzeria. Gostava do que fazia, e valia a pena financeiramente. Comprei minha casa, tinha uma vida estável. Mas o que tenho visto na rua nos últimos anos me fez abandonar a profissão. Testemunhava três acidentes por dia com motoboys, na maioria fatais. Hoje ganho menos, mas estou longe dessa **loucura** absurda e perigosa.”

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 09/05/2012.

Aqui em São Gabriel da Palha, cidade com 31 000 habitantes, não é diferente do que informou a reportagem de VEJA. Nossos fins de semana são uma **loucura** dentro dos hospitais da região, que recebem jovens gravemente acidentados com motos e, assim, lhes destinam a maioria das vagas de UTI que seriam ocupadas por pessoas necessitadas.

LÉO BRAGATO

São Gabriel da Palha, ES

Realmente é elevado o número de acidentes com motocicletas. Sou suboficial técnico de enfermagem, trabalhei muitos anos na emergência e no setor de ortopedia do Hospital Naval Marcílio Dias e quase todos os dias chegavam acidentados por moto. Marinheiros e fuzileiros adoram moto, mas não sabem os riscos que correm.

Manoel Lemos, Espírito Santo

motocicleta. Essa prática deveria ser regulamentada, e não proibida. Pintem-se faixas exclusivas para motocicletas no centro das vias e oficialize-se o que funciona hoje de forma irregular. Os automóveis não poderiam invadir as faixas exclusivas de motociclistas, como hoje ocorre com as faixas de ônibus. Devem-se criar leis privilegiando o motociclista, em detrimento do automóvel. A moto ocupa menos espaço e consome menos combustível em relação aos automóveis que trafegam pelo trânsito urbano — a maioria deles apenas com uma ou duas pessoas a bordo.

EDSEL PAULO ROCKEL

Campo Grande, MS

Tenho dois carros em casa, mas meu principal meio de locomoção de segunda a sexta é a moto. Eu a uso para não ficar parado no trânsito e para evitar a trans-

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 16/05/2012.



micro Packard Bell, seu primeiro. “Hoje tenho investido como **louco**”, diz. Pôs dólares em dezenas de empresas dos Estados Unidos, Europa e Ásia como investidor-anjo, figura nascida no Vale do Silício. Algumas já andam bem (*veja o quadro ao lado*). Quer entrar no Brasil, “porque está em meu coração, sou brasileiro, é o lugar onde nasci”, mas ainda não descobriu uma boa janela. Recentemente,

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 30/05/2012.

FAZENDO MEU BLOG

PAULA PIMENTA



Livros

Sou **louca** por séries literárias. É bom saber, após ler um livro e ter a maior empatia com os personagens, que a história não terminou ali, que podemos acompanhar por mais tempo a vida daqueles amigos que fizemos no decorrer das páginas.

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 08/05/2013.



A escola de moças más

Quem tem filha adolescente se lembra de como ela era **louca** por **MILEY CYRUS**, 20. Espécie de princesinha da Disney, Miley não só cresceu como enveredou pelo caminho das garotas malcomportadas: exerce o exibicionismo em tempo integral, tem namorado ioiô e faz fotos picantes, como a última série para a *V Magazine*. “Tosei meu cabelo, comprei botas e agora não tem mais jeito; não vou voltar a ser o que eu era”, desafia a cantora. A história não é original, claro. Madonna, Lady Gaga e Rihanna também ficaram mazinhas em algum ponto da carreira. O retorno é garantido.

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 08/05/2013.

Já da parte da Coreia do Norte, o temor é de outra natureza. Por mais que Kim Jong-un se faça de **louco**, não é capaz de acreditar nas próprias mentiras. Ele sabe, assim como seus generais, que, na eventualidade de as Coreias se juntarem, o norte será absorvido pelo sul, e não o contrário — de maneira que, se as coisas saírem do controle, não é improvável que sua cabeça acabe separada do pescoço.

A ditadura norte-coreana é uma das mais cruéis já testemunhadas pela humanidade não só porque condenou milhões de pessoas à ignorância, à fome e à mentira, nem apenas porque mantém 300 000 homens, mulheres e crianças confinados em campos de prisioneiros que fazem o inferno parecer um spa de luxo. A tirania dos Kim é duplamente cruel porque não poupa

Reportagem publicada na Revista Veja do dia 15/05/2013.

